CENTRO UNIVERSITÁRIO DE TECNOLOGIA DE CURITIBA – UNIFATEC
CURSO SUPERIOR DE JORNALISMO

LIVRO-REPORTAGEM:

‘Nossas raízes: Histórias de mulheres e suas lutas’

- Proposta de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) -

CURITIBA
2024

KAUANE ANTONIA DA SILVA ALVES

LIVRO-REPORTAGEM:

‘Nossas raízes: Histórias de mulheres e suas lutas’

- Proposta de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) -

Projeto apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Tecnologia de Curitiba – UNIFATEC, como requisito parcial obrigatório para aprovação.

Orientadora: Prof.a Esp. Vanessa Ecilda Skrobot Godoi
Coordenador do Curso: Prof. Esp. Pablo Cunãdo

CURITIBA
2024

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE TECNOLOGIA DE CURITIBA – UNIFATEC

CURSO DE JORNALISMO

TERMO DE APROVAÇÃO DE TCC
(Trabalho de Conclusão de Curso)

KAUANE ANTONIA DA SILVA ALVES

LIVRO-REPORTAGEM:

‘Nossas raízes: Histórias de mulheres e suas lutas’

Este TCC foi avaliado pela banca examinadora de TCC, do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Tecnologia de Curitiba – FATEC-PR e considerado (a) aprovado (a).

Banca examinadora

_____
Prof (a). xx Titulo xxx. Xxxxx Nome do Orientador xxxxxxxxxx
Orientador(a)

_____
Prof (a). xxx Título xxx. Xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
Membro da Banca

_____
Prof (a). xxx Título xxx. Xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
Membro da Banca

Curitiba / PR, ___/___/2024.

Dedico ‘Nossas raízes’ a duas pessoas que não estão mais aqui, mas foram essenciais para essa jornada.
Vó Rosinha, obrigada por dividir o nome de uma mulher forte igual a senhora, sempre preferi ‘Antonia’ do meu nome.
Dedico também ao Vô Nilson, por ter sido o homem que mais me motivou a fazer jornalismo.
Deveria ter dito eu te amo quando pude.
Obrigada por fazerem o solo ser seguro para eu pisar.

Agradecimentos

Agradeço a minha mãe por ter tido tanta paciência comigo durante a produção desse livro-reportagem. Acredito ter sido sua maior fã durante minha vida toda! Agradeço pelo incentivo que você – e só você mãe –, me deu para mudar para a capital, estudar jornalismo mesmo que todos me desencorajassem. Não esquecerei jamais a frase: “se você quer filha, claro que vale a pena”. Obrigada, eu te amo.

Agradeço aos meus amigos que sonharam comigo: Wuiker Silva, Felipe Lazzarotto, Bruna Oliveira, Kauane Moreira, Mateus Hoffman, Leonardo Magalhães, Vinicius Yede, Allan Xavier, Tamy Naiara Pacheco, Dinho Barbosa, Anna Chagas, Bruninho, entre tantos outros que estiveram comigo durante tantos anos. Quero também agradecer ao meu namorado – Pedro Nícolas –, por ter aguentando meus surtos e lágrimas durante esse um ano de dedicação ao livro-reportagem e trabalho de conclusão de curso, amo todos vocês.

Agradeço também a todos os professores, desde a primeira que me mostrou as letras – professora Sirley –, a que me ensinou a tabuada – professora Rojane –. Como todos os da faculdade que me acolheram na comunicação e que estou ansiosa pelo momento que me tornarei colega de profissão.

Agradeço especificamente ao professor Arthur Franco por ter sido meu orientador de iniciação científica. Ao professor Nardes por ter me encorajado no primeiro semestre do meu TCC. Ao professor Luiz por me incentivar na escrita. E claro, a professora Vanessa por ter sido essencial para a conclusão desse trabalho de conclusão de curso, que é um sonho que se torna realidade.

Obrigada ao meu gato Mingau, minha cachorra Pretinha e a minha sobrinha Sofia. Por terem alegrado meus dias de estudante com piada e corridas em volta de mim – com direito a mordidinhas de amor –.

Obrigada a você que lê esse livro e sente.

RESUMO

Livro-reportagem é um produto jornalístico que possibilita o conhecimento mais claro e aprofundado em relação a algum fato. O trabalho presente aborda histórias diversas acerca do ‘ser mulher’, assim como tantas mulheres comuns vivem histórias extraordinárias – sendo elas tanto positivas quanto negativas. The purpose of this work is to give visibility to these women, bringing their stories closer to those of so many other women who will get to know each other through this book.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher, Feminismo, Gênero, Jornalismo Literário.

ABSTRACT

Rebort book is a journalistic product that allows clearer and more in-depth knowledge regarding a fact. This work arises with the idea of presenting different stories about ‘being a woman’, how so many ordinary women live extraordinary stories – both positive and negative –. The purpose of this work is to give visibility to these women, bringing their stories closer to those of so many other women who will get to know them through this book.
KEYWORDS: Woman, Feminism, Gender, Literary journalism.

LISTA DE SIGLAS

CEO – *Chief Executive Offi*cer (diretor-executivo ou diretora-executiva)

Sebrae – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **7**
1.1 Objetivo 7
1.2 Justificativa 8
2 DESENVOLVIMENTO **9**
2.1 Reflexões e interpretações sobre o ser mulher 9
2.2 Movimento feminista e a mulher na história 13
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES/CONCLUSÃO **15**
3.1 Estrutura do livro 15
3.2 Entrevistas 17
3.3 Conteúdo 18
3.4 Título 18
3.5 Capítulos 19
3.6 Metodologia científica 19
3.7 Livro-reportagem 20
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS **57**
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **58**

1 INTRODUÇÃO

O livro-reportagem ‘Nossas raízes: Histórias de mulheres e suas lutas’ têm como intuito colocar luz sobre mulheres comuns, essas que podemos cruzar todos os dias pelas ruas da cidade de Curitiba, mas, no entanto, não paramos para pensar nessas histórias extraordinárias que elas guardam.

A ideia do que é ser mulher foi modificada diversas vezes ao longo dos anos, considerando que a sociedade vive em mutação, então contar a história destas mulheres distintas colabora na compreensão do que é ser mulher hoje, mesmo que socialmente. A seleção das personagens femininas que iriam compor este livro fez parte do processo solitário da produção deste trabalho.

A seleção foi minuciosamente realizada para ilustrar como são as mulheres de hoje e as histórias que elas guardam, principalmente, as que podem ser encontradas na cidade de Curitiba: “A nossa história existe para contar a sua – e todas as outras que o texto, a imagem e som tradicionalmente não contam, muito pelo contrário: escondem.” (TMP…, 2017, p.4). Um grupo que “[...] tem como objetivo promover a cidadania, a saúde, educação, segurança pública, cultura e direitos humanos das pessoas travestis e transexuais” (TMP…, 2017, p.10).

1.1 Objetivo

O trabalho foi realizado com o objetivo de apresentar o momento onde as mulheres se reconhecem como mulheres. Nesse sentido, o trabalho visou unir mulheres por meio de suas histórias, sendo essas extraordinárias, mas de pessoas comuns, cujo anseio seria criar um possível suporte social, tão necessário, para as mulheres que vivem no mundo de hoje.

O jornalismo literário foi o caminho encontrado para desenvolver este trabalho:

> A conjunção de conhecimentos, saberes, savoir-faire, técnicas e estilos narrativos desenvolvidos pela literatura que podem (e devem) estar a serviço das rotinas de produção jornalísticas. Jornalismo Literário é, portanto, o jornalismo contextualizado com os vários campos do conhecimento humano. É, por isso mesmo, um tipo específico do fazer jornalístico que não exclui a princípio nenhum recurso metodológico ou narrativo:

> diálogos, perfis, contos, cordéis, entrevistas, poesias, pingue-pongues, crônicas, matérias informativas convencionais, relatos na primeira pessoa, notinhas, cartas, ensaios, artigos, fragmentos, tudo ou quase tudo é permitido desde que se saiba usar com talento, engenho e bom senso (CASTRO, 2010, p.5).

Com o intuito de passar as emoções das histórias dessas personagens, o jornalismo literário surge, então, como um aliado para o desenvolvimento deste trabalho. Pois, o método do jornalismo literário permite a colocação de sentimentos e pessoalidade em cada uma das histórias, não tratando-as com distinção.

1.2 Justificativa

A importância da realização do Livro-reportagem ‘Nossas raízes: Histórias de mulheres e suas lutas’ estão em volta do fato de criar um ambiente oportuno para que mulheres conheçam a história de outras mulheres (seus pensamentos, sentimentos e história), essas que são tão distintas uma das outras, seja pela sua cor, sua etnia, sua orientação sexual, sua maneira de se vestir, seu corpo, seu trabalho ou sua maneira de pensar e enxergar o mundo.

2 Desenvolvimento

Este trabalho começou como a ideia de contar histórias de mulheres e evoluiu para um projeto de livro-reportagem. Para iniciar o desenvolvimento do trabalho, foram delimitados perfis que exploram diferentes aspectos que levam a refletir o que é ser mulher. Esta seleção das personagens foi feita por meio de pesquisa, sejam por redes sociais, indicações, lendo notícias para, então, chegar nessas pessoas que compuseram este trabalho. Na sequência, foram enviados os convites e desta forma foi possível reunir sete mulheres para compor o presente trabalho. As entrevistas vieram em seguida e só após serem realizadas iniciou-se a escrita dos capítulos.

Assim, nasceu o projeto que, posteriormente, se transformou em um livro-reportagem no estilo do jornalismo literário, tendo como ideia central a partilha das histórias dessas mulheres, de forma que possam ser divulgadas de maneira acessível e envolvente.

2.1 Reflexões e interpretações sobre o *ser mulher*

Para refletir o que é ser mulher hoje, para além dos estudos e leituras realizados, foi realizada uma pesquisa com algumas pessoas, por meio de um formulário – Google Forms – através do qual foram obtidas vinte e três respostas e algumas delas foram selecionadas para ilustrar o que algumas pessoas definiram sobre “o ser mulher”.

“Para mim, ser mulher é, desde sempre, aprender a lidar com situações difíceis na vida. Ser mulher é ter medo, ter esperança, ser cautelosa e, principalmente, única. Só quem é mulher entende a complexidade que nós somos. É uma junção de tantas coisas. Acho que ser mulher é ser a personagem principal de uma história.” disse uma dessas pessoas.

“Nunca parei para pensar em tudo que significa ser mulher, e com a pergunta a primeira coisa que me veio à cabeça foi a denominação da mulher como sexo frágil, mas na minha opinião esta extremamente errado, pois ser mulher sempre foi algo complexo [...]” disse outra.

“Para mim, ser mulher é sobre viver uma experiência que mistura uma rica tapeçaria de identidade, emoções e desafios. É sobre encontrar força em meio a adversidades, celebrar conquistas pessoais e contribuir de maneira única para o mundo ao meu redor. Ser mulher é uma jornada de autoconhecimento, empoderamento e conexão com outras pessoas, marcada por uma variedade de experiências e sentimentos que molda quem somos e como vemos o mundo.”

“Poder”.

“Ser mulher é fardo, é difícil, mas recompensador. Além de ser mulher, eu sou mãe e acho que em um contexto geral, estamos sempre tendo que nos moldar para caber em uma sociedade machista e preconceituosa que interfere no modo como nós mulheres podemos e queremos pensar [...]”.

E, por fim, “É um estado de espírito na verdade, acredito que é um sentimento”.

As definições para “ser mulher” sofreram mudanças ao longo do tempo, com as transformações sociais e avanço de debates em torno de questões de gênero. Na definição biológica clássica, ser mulher nada mais é do que uma pessoa com cromossomos XX – mas não é somente isso –. No artigo *Gênero, o que é isso? (Maria Eunice Figueiredo Guedes, 1995)*, aponta que a “definição de Gênero torna-se, assim, complicada, pois além de apresentar vários significados, agrega no seu bojo os sentidos mais amplos ligados a ‘caracteres convencionalmente estabelecidos’, bem como a ‘atividades habituais decorrentes da tradição’" (p.844). Por outro lado, a espécie humana se comunica e estabelece linguagens, sejam faladas, escritas ou gestuais, constituindo-se em representações sociais que, segundo Lane, são esperadas pelo grupo:

> Esta análise nos permite apontar uma função da linguagem que é a mediação ideológica inerente nos significados das palavras, produzidas por uma classe dominante que detém o poder de pensar e 'conhecer' a realidade, explicando-a através de 'verdades' inquestionáveis e atribuindo valores absolutos (Guedes, 1995).

Nesta linha de raciocínio, quando pensamos em gênero, um aspecto interessante no país é que hoje existem aproximadamente 9,3 milhões de empreendedoras no Brasil, o que corresponde a 34% dos donos de um negócio no país. Os dados são do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas).

A sociedade vê com bons olhos pessoas que empreendem, mas ainda considera esta uma atividade tipicamente masculina, principalmente, se o ramo escolhido não estiver associado àquelas profissões consideradas “adequadas para mulheres" (TEIXEIRA, 2016, s.p).

No Brasil, as pesquisas mais recentes abordam o tema “empreendedorismo feminino” de forma a contribuir com a existência de estereótipos quando se limitam a fazer comparações entre os gêneros (TEIXEIRA, 2016, s.p).

Simone de Beauvoir afirma: ‘Não se nasce mulher, torna-se mulher’, a autora explica como “nenhum destino biológico, psíquico ou econômico define a forma que a mulher ou a fêmea humana assume no seio da sociedade” (Beauvoir, 1980, p. 9).

No campo do empreendedorismo, também se reflete essa atualização, no entanto, há evidências da existência de preconceito. Segundo Gomes & Santana (2009) destacam que uma das principais razões para que a mulher venha a ter o próprio negócio é a flexibilidade de horários, pois dessa forma poderá compatibilizar o trabalho e a família (TEIXEIRA, 2016, s.p) conforme pode ser observado no gráfico abaixo:



Figura 1 - Slide seminário Empreendedorismo feminino da disciplina de Empreendedorismo
Dados: Sebrae Em Dados - Empreendedorismo Feminino
Fonte: Elaborado pela autora – 2024

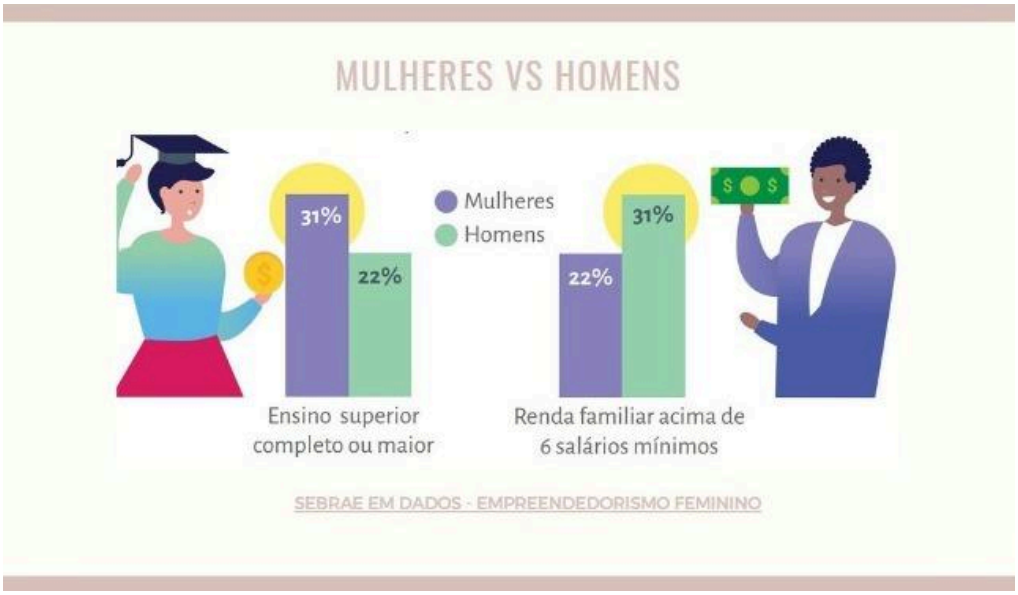


Figura 2 - Slide seminário Empreendedorismo feminino da disciplina de Empreendedorismo
Dados: Sebrae Em Dados - Empreendedorismo Feminino
Fonte: Elaborado pela autora – 2024

Quase metade dos pequenos negócios no Brasil são hoje liderados por mulheres, segundo dados do Instituto Rede Mulher Empreendedora (IRME). Esse é o retrato do empreendedorismo feminino no país, com empresas criadas ou idealizadas por mulheres.

Ana Fontes, em entrevista à Forbes, CEO e Fundadora da Rede Mulher Empreendedora, afirma que mulheres fazem a gestão do negócio de forma mais humana e mais inclusiva. Já os homens, segundo Ana, empreendem mais por oportunidade, não buscam flexibilidade e têm como principal motivação o dinheiro.

Outro dado interessante para ser considerado ou observado nesta análise é a diferença salarial que ainda existe entre homens e mulheres. Em uma pesquisa realizada pelo Governo Federal, em março de 2024, as mulheres recebiam cerca de 19,4% a menos que os homens, já em cargos de liderança a diferença

pode chegar até 25,2%. A pesquisa foi realizada em quase 50 mil estabelecimentos comerciais (Brasil, 2024).

Muitas dessas mulheres empreendedoras que vemos hoje iniciaram como uma opção de aumentar a renda da família, possibilitando, assim, melhorar a qualidade de vida de sua família – principalmente de seus filhos –.

Importante salientar que mesmo antes de chegar a esse ponto, da diferença salarial, outras dificuldades sempre existiram – violência, desigualdade social, machismo – com isso torna-se de suma importância refletir a respeito da primeira onda do feminismo.

2.2 Movimento feminista e a mulher na história

O movimento feminista surgiu em meio a onda dos movimentos sociais que se desenvolveram durante as revoluções liberais, fortemente inspirados pelos ideais iluministas. Eventos históricos, como a Revolução Francesa e a Revolução Americana, serviram de cenário e impulso para esse movimento, que, em sua fase inicial, concentrou esforços na luta pela ampliação dos direitos políticos e sociais, estabelecendo as bases para uma busca contínua por igualdade.

Em 1971, a escritora Olímpia de Gouges escreveu a “Declaração dos Direitos da Cidadã e da Mulher” como uma maneira de argumentar sobre as necessidades da equiparação dos direitos sociais, políticos e jurídicos entre homens e mulheres e, também, como uma crítica a “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”, que abordava apenas os direitos dos homens, sem citar direito algum das mulheres.

Nísia Floresta, primeira educadora feminista, define a função da mulher como uma das mais importantes da história:

> O emprego de nutrir crianças nos pertence, assim como a eles unicamente pertence o de gerá-los; se este último lhes dá algum direito à estima e respeito públicos, o primeiro nos deve merecer uma porção igual, pois que o concurso imediato dos dois sexos é tão essencialmente necessário à propagação da espécie humana, que um será absolutamente inútil sem o outro. [...] Todos sabem, nem se pode negar, que os homens olham com desprezo para o emprego de criar filhos e que é isso, às suas vistas, uma função baixa e desprezível; mas se consultassem a natureza nessa parte, sentiriam sem que fosse preciso dizer-lhes, que não há no

> Estado Social um emprego que mereça mais honra, confiança e recompensa. (AUGUSTA, 1989).

Já no século XIX, o movimento questionava as desigualdades que existiam no núcleo familiar e nos empregos, as mulheres sofriam exploração, com uma jornada de trabalho exaustiva e muito mais intensa se comparada com a dos homens. E no século seguinte, o foco tornou-se a luta pelo direito ao voto.

No ano de 2023, o Brasil registrou 1.463 casos de mulheres – 1,6% maior que em 2022 – que foram vítimas de feminicídio, sendo cerca de um caso a cada seis horas. Esse foi o maior número registrado desde a criação da Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104/2015). (NICOCELI, 2024).

Cabe salientar que a Lei tornou o feminicídio como um homicídio qualificado, que acontece quando o assassinato de uma mulher envolve violência doméstica e familiar entre outros como menosprezo ou discriminação a condição de mulher da vítima. A Lei nº 13.104/2015 alterou o código penal e a lei 8.072 de 1990, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio e incluir o feminicídio no rol de crimes hediondos com penas mais altas, de 12 a 30 anos.

As Nações Unidas definem a violência contra as mulheres como “qualquer ato de violência de gênero que possa resultar em danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou mentais para as mulheres [...]”.

Indo além dos crimes de feminicídio, outro fator muito discutido em relação a meninas é mulheres é o abuso sexual. Segundo dados da Fundação Abrinq – organização sem fins lucrativos que atua para defender os direitos das crianças e dos adolescentes –, o Brasil registrou 124 denúncias a cada 24 horas de violência sexual contra crianças em adolescentes no ano de 2022. Em pesquisa, publicada pela OMS (Organização Mundial de Saúde), há indicações que cerca de uma a cada três mulheres nas Américas sofreram violência física e/ou sexual por parte dos parceiros íntimos ou não. A violência por parceiro íntimo é a mais comum, no mundo todo, até 38% dos assassinatos de mulheres são cometidos por parceiro íntimo do sexo masculino. No mundo todo, há dados que mostram como mulheres vivem o risco de passar pelo abuso sexual, segundo PAHO – Organização Pan-Americana da Saúde –.

Hoje, o movimento feminista volta a lutar pela equidade em todos os ambientes, mas também a luta pelo corpo livre, desde as roupas que querem usar

até mesmo a liberdade de escolha sobre seus corpos – como o aborto que ainda é muito discutido. Assim, Simone de Beauvoir, escreveu por diversas vezes sobre como podemos definir o que é ser mulher – citado anteriormente –, como chegamos até lá e como ‘nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino’ (Beauvoir, 1980, p. 9).

Estudos mais recentes do feminismo, contam que na verdade o movimento social não tem como objetivo colocar mulheres contra homens, mas sim, ambos contra uma dominação patriarcal em que todos estamos inseridos socialmente. bell hooks (2019) coloca que; a revolução feminista deve ser construída com amor e solidariedade.

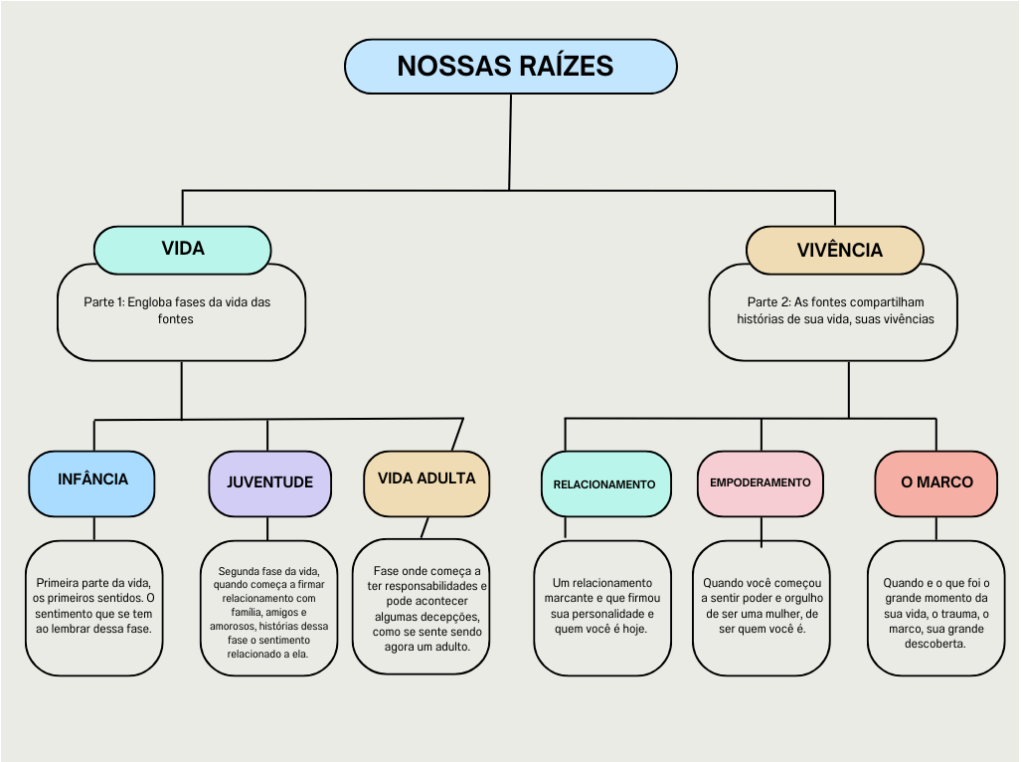
Escolher políticas feministas é, portanto, escolher amar. (hooks, 2018).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES/CONCLUSÃO

O presente relatório descreve em detalhes o processo de criação, produção e análise ao longo do desenvolvimento do projeto. Trata-se de um livro-reportagem que reúne uma coletânea de histórias de mulheres cujo objetivo é trazer à luz as trajetórias extraordinárias de mulheres comuns que cruzamos em nosso dia a dia e que passam despercebidas. Ao compilar essas experiências, o projeto visa apresentar as lutas, conquistas e desafios enfrentados pelas protagonistas em seu cotidiano, oferecendo um retrato realista e inspirador das nuances femininas em diferentes contextos. Sendo desenvolvido, a princípio, como um livro-reportagem e se tornando um trabalho, por fim, de jornalismo literário.

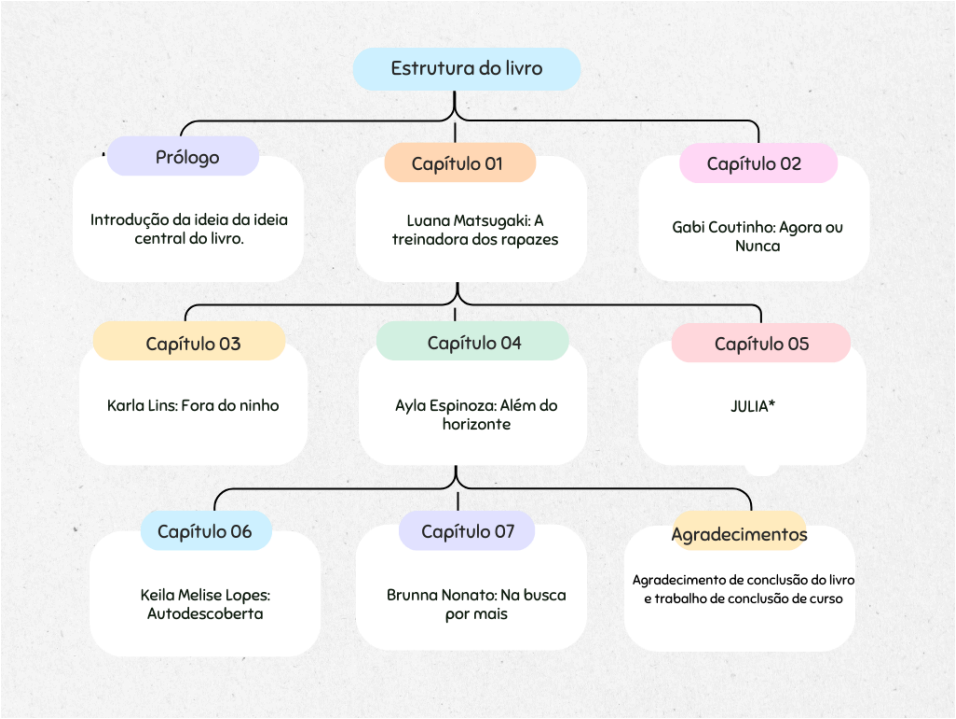
3.1 Estrutura do livro

Durante a primeira parte da confecção deste trabalho de conclusão de curso, foi construído um mapa conceitual para a visualização do que viria a se tornar por fim o livro-reportagem *Nossas raízes: Histórias de mulheres e suas lutas*. Esta foi a primeira ideia de como seria sua estrutura:



Quadro 1 - Mapa conceitual Etapas
Fonte: Elaborado pela autora – 2024

No entanto, durante a segunda etapa do processo de preparação, algumas dessas ideias foram revisadas e ajustadas, resultando em mudanças significativas para a versão final tanto do livro quanto da pesquisa. Após longas entrevistas e com pessoas e histórias tão distintas uma das outras, a estrutura do livro teve que passar por modificações e cada uma das personagens entrevistadas ganhou um capítulo com uma linha cronológica adequada. Com este formato de capítulos possibilita-se a revisita dos leitores em sua história favorita com maior facilidade, além de um entendimento melhor de cada história e de maneira individual, explorando ao máximo cada uma das personagens.



Quadro 2 - Mapa conceitual estrutura final do livro
Fonte: Elaborado pela autora – 2024

3.2 Entrevistas

As entrevistas foram realizadas em um mês e de três diferentes maneiras: presencialmente, via meet e por meio de áudios do whatsapp. O formato

foi determinado diante da disponibilidade da fonte, por exemplo, Luana Matsugaki foi a primeira entrevistada de maneira presencial, em um café de Curitiba e com o uso de uma lapela. A segunda entrevistada foi Gabi Coutinho, que contou diversos relatos de sua vida, a conversa foi longa e via google meet, que foi gravada de três maneiras – para não correr o risco de perder a gravação – celular, computador e um gravador de áudio que foi adquirido durante o período de entrevistas. A terceira e quarta entrevistas, Julia – nome fictício – e Karla Lins, foram entrevistadas por vídeo chamada e tiveram a entrevista registrada com um gravador de áudio. E por fim, Brunna Nonato, Ayla Espinoza e Keila Melise foram entrevistadas pelo WhatsApp, com uma lista de perguntas e respostas. Respostas obtidas então por meio de áudios e mensagens de texto.

3.3 Conteúdo

Segundo Lima (2004), “acima de tudo, o bom livro-reportagem é simplesmente um excelente meio de narrar histórias e registrar a história desafiadora do nosso tempo”. Por meio das entrevistas, buscou-se apreender a história de cada uma das participantes, de modo a ilustrar o que significa ser mulher no passado e no presente. A partir de trajetórias de vida tão distintas, procurou-se fomentar a empatia, promovendo a criação de um vínculo invisível entre essas mulheres e todas que irão ler as experiências por elas vividas. Afinal, nenhuma poderá compreender plenamente a vivência da outra, a menos que esta seja revelada.

A intenção, com a construção deste livro, é criar uma leitura envolvente e que cative o leitor por meio de textos em formatos jornalísticos. Como, por exemplo, um capítulo que se caracteriza como um perfil jornalístico. O formato foi escolhido pela vontade de ampliar cada história ao máximo para a transmissão verídica e tocante de cada uma delas, como Lima (2004) escreveu, o livro-reportagem seria uma maneira de unir elementos jornalísticos, literários, antropológicos, sociológicos, históricos e psicológicos.

3.4 Título

O título do livro, desde sua concepção inicial, foi inspirado por palavras como "raiz", "flores", "vínculo", entre outras. O que determinou a escolha está ligado à palavra raiz e o seu sentido figurado – algo que vincula e que dá base, o que remete a algo que conecta e sustenta. Nesse contexto, compara-se com a essência das mulheres, compreendendo aquelas que vieram antes, as que vivem no presente e as que ainda virão no futuro. Assim surge o título, *Nossas raízes*. A união das mulheres e as lutas que as unem, as raízes do que é ser mulher. “História de mulheres e suas lutas”, completa-se com as histórias individuais de cada uma dessas mulheres que dividiram suas realidades para a confecção de cada um dos capítulos.

3.5 Capítulos

O livro é estruturado em diversas seções, incluindo um prólogo, capítulos dedicados a cada uma das sete personagens, uma seção de agradecimentos, uma dedicatória e um sumário. Essa organização busca facilitar a leitura e tornar melhor a visualização do projeto como um todo.

3.6 Metodologia científica

Para conseguir concluir este trabalho a pesquisa foi um dos passos mais importantes, sendo elas: a Pesquisa Exploratória e a Pesquisa Bibliográfica.

As primeiras leituras selecionadas pela autora com o auxílio dos professores foram: ‘A Sangue Frio’, ‘As vozes de um assédio: Livro-reportagem’, ‘Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo’ e ‘Técnicas de Reportagem - Notas sobre a Narrativa Jornalística’, ‘Transgrupo’. E, então, durante o desenvolvimento algumas outras leituras também vieram para somar, como ‘Livro-reportagem: Marielle, presente! - Entre o ódio e a comoção de multidões em torno de sua tragédia’, ’Livro-reportagem O dia que não terminou’, ‘‘Jornalismo Literário - uma introdução’, ‘O jornalismo Literário como gênero e conceito’, ‘Feminismo 1°Onda’, entre algumas reportagens, matérias jornalísticas e entrevistas.

A princípio a linha de pesquisa tinha por objetivo torná-lo um livro-reportagem, porém ao decorrer das entrevistas e organizando os capítulos, a

tendência para o jornalismo se fez mais presente. Buscando por novas definições, de como o livro-reportagem se torna, então, um gênero literário:

> É exatamente por ser livre, desafiador e arriscado ao ser manipulado, que o Jornalismo Literário foi pouco entendido, até porque pode ser visto mais como uma anarquia estilística do que em seu aspecto sistêmico e complexo. (CASTRO 2010, p. 5).

A principal função do jornalismo é informar, porém, produções de livros-reportagem com teor literário, como o próprio Truman Capote em seus livros fez por muitas vezes, não são excluídas. Segundo Felipe Pena a definição de jornalismo,

> A natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer. E assim, ele acredita que pode administrar sua vida de forma mais estável e coerente, sentindo-se um pouco mais seguro para enfrentar o cotidiano aterrorizante de seu meio ambiente. Mas, para isso, é preciso transpor limites, superar barreiras, ousar (PENA, 2008, p. 25).

Para a elaboração do trabalho foram realizadas entrevistas e uma pesquisa que serviram de base para a construção de cada um dos capítulos, sendo essas pesquisas relacionadas a cada uma das personagens presentes nas páginas desse livro. No entanto, ao longo do desenvolvimento dos capítulos, que narram às histórias de cada personagem, o jornalismo literário também se fez presente. Cada relato foi apresentado de forma individual, mantendo, contudo, um reflexo fiel da realidade.

3.7 Livro-reportagem

Abaixo, segue o livro-reportagem em sua versão não diagramada:

Nossas raízes
(Capa)

‘Nossas raízes: Histórias de mulheres e suas lutas’

Kauane Antonia Alves

Prólogo

Raiz (substantivo feminino): 1. serve para fixá-la a um substrato, além de absorver e conduzir água e minerais.
2. base.

Decidi escrever este livro-reportagem, quando em 2020 – ainda no meu ano de vestibular –, conheci um livro-reportagem que também era um TCC, *As vozes de um assédio* é o nome do livro. Hoje, tenho certeza que ele foi um dos marcos da minha vida. Neste livro a jornalista Eduarda Marques, conta a sua história pessoal de assédio e a de outras mulheres, com histórias tão distintas da sua até mesmo de casos que aconteceram dentro de casa e na própria família. Isso mexeu com uma vestibulanda de jornalismo que sabia que iria cruzar com histórias como essas durante sua trajetória, pois o meu objetivo principal como jornalista – desde o início do curso – foi compartilhar histórias de pessoas comuns. E realmente o fiz durante uma disciplina da faculdade, eu produzi uma reportagem sobre abuso psicológico e violência doméstica. Assim, tive certeza sobre este ser um dos meus objetivos dentro desta profissão.

A união feminina e a grande rede de apoio que conseguimos formar vêm muito da nossa criação, nosso contexto e das mulheres que nos cercam. Vamos começar do princípio, igual a muitas meninas eu cresci com mais amigos meninos. As meninas me achavam muito ‘moleque’ para brincar comigo, mas eu sempre tentava conquistar a amizade delas. E assim foi durante muitos anos, até chegar aos meus onze anos e conseguir formar o meu grupo de amigas que, com o tempo, também se dissipou. Durante a adolescência também passei por episódios de rivalidade feminina, além de passar pela traumática menarca na escola.

Após trocar de cidade e começar o meu curso superior, consegui, enfim, manter relações e amizades. Talvez eu possa até dizer que precisava disso, pois conheci mulheres diferentes e com realidades distintas umas das outras e até mesmo com histórias parecidas com a minha.

Ao conhecermos pessoas de diferentes contextos e com vidas distintas das nossas, conseguimos criar empatia para compreender a dor da outra. Sendo assim, é possível oferecer o suporte necessário que ser mulher no mundo de hoje exige e poder contar essas histórias e colaborar, pelo menos um pouco, vai ser um prazeroso desafio.

A união das mulheres costuma assustar muitos homens, pois dificulta a manipulação dentro de um relacionamento, abusos físicos e psicológicos. Um fato interessante da minha história é que muitas das minhas amigas que começaram a namorar foram obrigadas pelos seus parceiros a se afastarem de mim, pois segundo eles, ‘eu era

uma má influência'. Uma dessas amigas, uma grande amiga inclusive, voltou a minha vida nos últimos anos e contou tudo que passou nesse relacionamento, sobre como ela teve que se afastar de todos, inclusive de pessoas da sua própria família.

A união feminina chega nesse momento como uma maneira de proteção, para garotas que têm medo de encerrar um relacionamento e ficarem sozinhas. Ou, então, que sofrem *gaslighting* – um tipo de abuso psicológico que manipula a vítima, deixando-a sem interpretações reais da realidade – de alguma figura presente em seu dia a dia, pois nem sempre vem do parceiro amoroso.

O que estou querendo dizer é sobre a diferença que é ter um grupo de amigos e um grupo de amigas, existem conversas que sempre serão bem recebidas no grupo das meninas e, por isso, devemos zelar por essas amizades.

Esse livro-reportagem vem com o intuito de fazer com que diferentes mulheres conheçam as histórias uma das outras, para aquelas que por qualquer razão ainda não se sentem seguras com amizades femininas possam se aproximar da ideia de que ser mulher já é um fator que nos une de certa forma e deve ser usado a nosso favor.

Eu sempre quis ser escritora, sempre quis contar histórias e dar visibilidade para as mulheres a minha volta. Agora, que estou finalizando o meu curso de jornalismo, posso fazer isso, posso escrever um livro e também dar luz para essas mulheres que muitas vezes não são notadas no transporte público encostadas na janela e chorando de cansaço, mulheres que são seguidas dentro de lojas ou shoppings, entre tantas outras situações. Essa é uma questão que todas nós passamos em algum momento.

Poder ser vista como mulher com seus gostos, particularidades e características tão pessoais. Comecei a me sentir realmente mulher após sair de casa aos 17 anos, começar a trabalhar, estudar, cozinhar, limpar, tudo sozinha, ainda assim, me sinto bem comigo por fazer tudo isso. O meu desenvolvimento pessoal está progredindo desde o primeiro dia que pisei em Curitiba para estudar Jornalismo.

A minha descoberta como mulher e o meu crescimento pessoal parecem estar acontecendo de maneira simultânea conforme conheço as mulheres à minha volta, a força delas e suas histórias. Ainda no início da jornada deste livro reportagem já me sinto impulsionada por essas mulheres que ainda não conheço bem, mas anseio conhecer.

Luana Matsugaki:
A treinadora dos rapazes

No começo de 2024, Luana Matsugaki, jogadora de handebol profissional, teve uma surpresa: seu técnico deixaria de treinar os times masculino e feminino da UFPR. Com o fim do mestrado ele perdeu o vínculo com a instituição. A saída do treinador rendeu um convite para que Luana assumisse o posto. Relutante a princípio, mas no fim aceitou. Com o início dos treinos, ela colocou o time para jogar diversos amistosos, um choque de gestão, já que antes não era usual. O time passou por uma sequência de derrotas, como era esperado. Aos poucos, porém, sob a nova liderança, o desenvolvimento de atletas – até então medianos – disparou.

O treino de Luana é diferente do de Parreira e isso impactou os atletas. “Cara, a diferença entre meus treinos e o dele é a didática, o jeito de lidar. Tipo se os meninos errassem ele já chegava e ‘aí paga dez’ e eu não sou assim sabe, eu cobro diferente”, já com as meninas ela afirma que ele era mais tranquilo. Ela também conta que ele estimulava a competitividade e ela prefere fazer outras atividades para estimular os atletas.

“Eu gosto muito de jogar na defesa, e a Luana sabendo disso me ajudou muito. Ela sempre me dizia ‘tem que bater, tem que ter o contato’, enfim, ela conseguiu me mostrar o esporte de uma outra forma”, relata Filpo, um dos jogadores do time masculino que, apesar de jogar desde os 10 anos, nunca tinha conseguido se desenvolver tanto quanto agora. A mudança não foi somente para ele. O resultado dos treinos de Luana nos times feminino e masculino de handebol da faculdade gerou medalha nos Jogos Universitários do Paraná em 2024.

Do tatame para as quadras

Luana Gonçalves Matsugaki nasceu em São Paulo capital em 2001. A família conta o quanto a garota era falante durante sua infância, os momentos de silêncio eram apenas os que a menina estava dormindo. Outra característica era o grande interesse pelos esportes. Interesse que só aumentaria ao longo dos anos.

Ao entrar na escola, aos três anos, Luana começou a treinar judô. Entre uma sessão no tatame e outra, Matsugaki começou a fazer balé. Foi em um dia, entre as sapatilhas e o kimono, que foi convidada por uma colega a ir assistir o treino de handebol. Luana tinha 10 anos quando teve o seu primeiro treino com o esporte que mudaria totalmente o rumo de sua vida. Substituiu as aulas de dança pelo handebol. Ela conta que até os 17 anos, enquanto ainda praticava judô, foi muito incentivada a continuar no esporte, pois teria uma carreira promissora na luta, tendo a chance até de entrar em um time internacional. Ela admite, porém, que nesta época já não estava tão entusiasmada com o esporte.

Luana também conta que já jogou em todas as posições do handebol. Mas quando ela começou a jogar, aos dez anos, sua treinadora a colocou na posição de central. “Cada armador tem uma função, e eu fui colocada como central porque eu gosto dessa parte de armar a jogada, eu sou mais cabeça e não tão finalizadora de jogada.” conta Luana, “E goleira, eu gosto muito de ser goleira, só não gosto de ficar parada no gol esperando o time armar a jogada”.

Aos 17 anos, apaixonada pelo handebol e desanimada com o judô, foi falar com as orientadoras do colégio para tentar escolher seu curso superior. “Cara, eu nem pensava em estudar educação física, porque eu pensava que era só academia e eu não gosto, hoje em dia eu aceito, mas não gosto. Pensava em algo tipo nutrição, mas eu não me dou bem com microbiologia”, explica Luana. “A orientadora ajudava a dar um norte para a gente, e foi quando ela me disse que o mercado de trabalho na educação física é muito mais amplo do que eu imaginava”. E então, ela entrou na Universidade Federal do Paraná em Educação Física assim que completou o ensino médio.

Luana não esperava o que viria em seu segundo ano de faculdade: uma pandemia mundial. Em quarentena, dentro de sua casa, sem poder atuar em sua posição de armadora de handebol, resolveu participar de um processo seletivo para o time juvenil de Araraquara. A inscrição era simples, preencher dados e enviar alguns vídeos jogando. Após fazer a inscrição ela avisou sua mãe, e foi quando veio a – talvez não tão grande – surpresa e Luana havia sido aprovada para jogar em São Paulo.

A família embarcou para o estado vizinho para conhecer as acomodações que iriam ser a casa da filha pelos próximos anos. Luana desde o primeiro dia se instalou na república junto com as outras integrantes do time, seus pais ficaram na cidade por duas semanas. E mais nova integrante do Handebol Araraquara permaneceu na cidade pelos próximos dois anos.

O contrato foi assinado em 2021. Por conta da pandemia, os treinos que iriam começar em fevereiro daquele ano foram prorrogados para março. Chegou em Araraquara em março, ficou com as meninas que moravam juntas na ‘casinha’ – maneira que elas se referem ao local onde as jogadoras ficam – e treinavam entre si. Os campeonatos demoraram ainda para ter início, pois dependiam da bandeira que estava a pandemia, as jogadoras tinham que usar máscara, além de terem sido testadas algumas vezes durante esse primeiro semestre. “Uma vez uma galera pegou, e as meninas ficaram isoladas em um quarto dentro da casinha”, lembra Luana. Os campeonatos começaram no segundo semestre, e as testagens aconteciam antes de cada partida e com alguns resultados positivos, alguns jogos chegaram até a ser cancelados.

Ela poderia ter tido uma carreira mais longa, mas em 2022 Luana começou a ter complicações de saúde. Longe da família e sem convênio médico, Luana retorna para Curitiba para conseguir o tratamento adequado. Foi só então que teve o diagnóstico: vasculite. “Nessa época o SUS foi muito bom para mim, me ajudou muito na questão de consultas e exames”.

A vasculite é um termo usado para se referir à inflamação de vasos sanguíneos onde suas paredes são invadidas por células do sistema imunológico podendo causar a formação de aneurismas, hemorragias, oclusão e estenose. A doença pode gerar manchas e inchaço na pele, dores na articulação, assim como febre, perda de peso, entre outros sintomas.

Após passar cinco meses sem jogar para se tratar, Luana não poderia voltar para São Paulo, pois já não teria idade para atuar no juvenil e o time adulto foi encerrado nesse meio tempo. Agora em Curitiba, buscou um time que mantivesse a qualidade que ela obteve jogando no profissional. Foi quando entrou para a equipe do Thalia, tradicional clube curitibano.

Não contente, criou o seu próprio time junto das amigas, o Haka. “O Haka é uma forma de afronta no handebol e em alguns outros esportes”, conta Matsugaki. Haka na verdade é uma dança ritual apresentada no início dos jogos, remetendo à ancestralidade da etnia Maori, típica da Nova Zelândia. Por isso foi adotada pelas seleções de rugby neozelandesas antes das partidas.

De volta a cidade em que cresceu, Luana se viu treinando em três times – com a volta das aulas presenciais, a armadora também entrou para o time de handebol da UFPR, além do Thalia e do Haka –, para manter a rotina de treinos ela pratica handebol quatro dias da semana e faz academia três, para fortalecimento do corpo. “Ah! Eu não gosto de academia, mas handebol é um jogo de muito contato, precisa ter o treino de força atrelado”, diz Luana sobre a rotina de treinos.

Em 2023, nos Jogos Universitários do Paraná, o time da feminino de handebol da UFPR – até então treinado por Luís Parreira – chegou ao terceiro lugar. Luana não imaginou que no ano seguinte estaria no comando das equipes da Universidade Federal do Paraná e que faria com que ambos os times de handebol levassem medalhas para casa.

Mais uma minoria

O cenário das mulheres no esporte no Brasil ainda é desafiador. Segundo um estudo realizado pela Universidade de São Paulo (USP), entre os anos de 2013 e 2019, que acompanhou o campeonato Troféu Brasil, há uma pequena equidade entre homens e mulheres atletas na categoria adulto, com uma diferença de 4%. Quando se fala sobre treinadores, porém, mulheres não compõem nem 25% da categoria base.

Segundo levantamento da Escola de Educação Física e Esporte (EEFE) em 2023, feito durante o Campeonato Paulista de Handebol em 2019, a diferença é ainda mais gritante na modalidade. Das 98 equipes participantes, 45 (46%) eram femininas e 53 masculinas. A análise computou 236 treinadores no total, com 73 (31%) mulheres e 163 (69%) homens. No comando de equipes femininas a quantidade de homens e mulheres era semelhante – 58% e 42%. Quando visto nas equipes masculinas as mulheres representavam somente 20% no total.

Agora com Luana no comando de ambos os times de handebol da UFPR, eles embarcam para Guarapuava, cidade que iria sediar os jogos universitários de 2024. O time masculino começou os jogos na sexta-feira, dia seguinte de sua chegada. Não foram fáceis, eles admitem, mas venceram quatro partidas consecutivas, com o resultado inédito de chegar até as finais, mas perdendo o ouro no fim. Isso não abalou o time que no ano anterior havia ficado em quarto lugar e fora do pódio. Muito pelo contrário, fez com que eles voltassem ainda mais animados para Curitiba.

Já o time feminino pegou uma chave mais fácil, o que a Luana considera sorte comparada ao ano anterior. No primeiro jogo elas tiveram vitória pela ausência do time adversário. Os próximos três jogos foram vitoriosos em quadra, o que fez com que elas chegassem à final. Elas também acabaram perdendo no último jogo, levando a igualmente inédita prata para casa.

A sensação dessa vitória foi diferente para Luana. “Nossa eu fiquei muito feliz, eu aceitei treinar o time com um objetivo, então incentivo eles a não faltarem o treino para conseguirmos esse objetivo, que é de todos”. Luana considera o JUPs como o melhor campeonato da categoria no estado do Paraná. O ano de 2024 está cheio de surpresas positivas para ela, o outro time em que Matsugaki joga ganhou todos os jogos da chave até o momento.



Luana MAtsugaki com troféu do Jogos Universitários do Paraná

Gabi Coutinho:
الآن أو أبدا (Agora ou nunca)

Estava tudo certo para Gabriela ir para a Colômbia. Prestes a assinar os papeis do intercâmbio realizado pela AIESEC (Associação Internacional de Estudantes de Economia e Ciências Comerciais) a rota acabou mudando, quando ofereceram a ela a oportunidade de realizar trabalho voluntário no Egito que, coincidentemente, era o país que ela dizia querer conhecer em sua infância, mas que havia sido deixado de lado. E foi em instantes que ela refletiu sobre a proposta e aceitou o desafio. E até o momento de chegar em casa ela não tinha notado o que havia feito, pois além de mudar seu destino, a viagem que antes duraria quarenta dias agora duraria cinquenta.

Em 2016, completavam três anos da morte do seu pai, fato que fez com que Gabriela acabasse se aproximando mais de sua mãe. Ela sentia falta de certa independência, e foi entre esses pensamentos em que ela resolveu realizar algum trabalho voluntário em outro país. O programa de intercâmbio da AIESEC tinha uma idade limite e, ao aproximar-se dessa idade, ela sentiu que era o momento certo de realizar uma viagem, “eu acreditei que a experiência seria boa pra mim e para minha mãe, pois nos últimos anos estávamos fazendo tudo juntas”, conta Gabi.

Ela já havia optado por sair do emprego para se dedicar ao seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e a faculdade de publicidade que cursou, o intercâmbio seria uma última tarefa antes de retornar ao mercado de trabalho, finalmente, como publicitária.

“Eu tinha uns 26 anos nessa época e para fazer esse intercâmbio para trabalho voluntário tinha uma idade limite, não lembro ao certo se era 26 anos ou tipo 30. E eu lembro que quando eu vi sobre esse intercâmbio eu estava muito perto da idade limite, e eu queria fazer isso algum dia. E foi quando eu tive aquele sentimento de ‘é agora ou nunca’”. Gabriela decidiu que naquele momento não iria voltar a trabalhar e ia viver aquela oportunidade, mas o sonho de ir para Colômbia acabou sendo alterado no meio do caminho, quando a oportunidade de ir para o Egito apareceu.

Então ela começou a planejar a realização desse intercâmbio, falou com sua mãe que ficou relutante, mas que não iria impedir Gabi de realizar esse sonho. E foi no dia que ela estava indo assinar os papeis que a rota mudou completamente, ofereceram para ela a oportunidade de ir ao Egito. Ela relatou que coincidentemente era o país que ela dizia querer conhecer em sua infância, mas que havia sido deixado de lado.

Gabi nem imaginava que iria passar por tudo que passou naquele país, mas naquele dia ao retornar para casa sabia que teria que contar para sua mãe. “Eu cheguei em casa branca, só pensava em como eu ia conseguir falar para minha mãe. Aí ela que

perguntou se tinha dado certo e eu falei que havia tido mudanças de planos, e ela ‘O que? Vai ficar mais tempo?’ e eu só falei ‘Também, porque eu vou pro Egito’. E minha mãe paralisou, me olhou com uma expressão de ‘tá maluca, você não vai’, e aí se instalou um silêncio sabe, nenhuma de nós conseguia falar mais nada, só ficou aquele silêncio pesado” conta Gabi.

Os papeis foram assinados entre os meses de outubro e novembro de 2016. A viagem estava marcada para o início do ano seguinte. Gabi conta que ela e a mãe, nem conversavam muito sobre o assunto, mas às vezes ela a via pesquisando no celular sobre o país e pontos turísticos, deste modo o assunto voltou à tona. “Eu fazia tudo no automático, arrumava os documentos, comprava passagem, mas não raciocinava realmente sobre o que eu estava prestes a fazer e para onde eu estava indo”, relatou.

Gabi Coutinho tem um motivo para essa viagem ter sido tão especial em sua vida. Durante muitos anos ela esteve envolvida em relacionamentos. Um atrás do outro e sem pausas significativas, ela não sabia lidar com essa perda e quase nunca estava sozinha. Em seus três primeiros relacionamentos, ela enfrentou traições e problemas de confiança com seus parceiros. Foi apenas após o término do terceiro namoro que ela desenvolveu a consciência de que estava repetindo um padrão. "Eu percebi que, se eu não interrompesse esse ciclo, ia continuar sempre do mesmo jeito”, comenta. Quando atingiu essa consciência que ela decidiu focar em si mesma e em seu processo de autoconhecimento, essa viagem ao Egito seria só mais um desses momentos, a principio, mas o que aconteceu nesse país mudou completamente sua perspectiva.

Primeiro contato

O Egito é um país fundamentalmente rural, com a maior parte da população vivendo nas margens do Nilo, principal rio do país. A população tem acesso a cerca de 70% de saneamento, enquanto água potável e energia elétrica chegam a 98% da população – número que inclui os moradores de áreas rurais –. A energia vem principalmente de combustíveis fósseis, que corresponde a cerca de 91% da geração de energia do país, outros 6% vem das hidrelétricas e o restante, de outras fontes renováveis. A economia do país também é majoritariamente composta de agricultura de linho, cereais e hortaliças. Alguns dos pratos do país são o Ful Medames (feijão-de-bico cozido), purê de fava, kushari (macarrão, arroz frito, aletria e lentilhas cobertas de molho picante e molho de alho), entre outros pratos.

Essa foi a primeira viagem de Gabi sozinha, sem amigos ou família. Dois anos antes desse intercâmbio havia viajado para fora sozinha, para Portugal, mas encontrou uma amiga na cidade. Já para o Egito ela iria sozinha, ficaria com estranhos que conheceria apenas quando chegasse ao país. A escala antes do destino foi na Itália, e foi então quando a ficha de Gabriela começou a cair, ela iria chegar a um país desconhecida, completamente sozinha.

O primeiro momento de pânico veio ao desembarcar: “cara o Egito não é como ir até a Alemanha sabe, lá você não entende nada, mas é o mesmo alfabeto. No Egito, em muitos lugares, só se via placas escritas em árabe”. No aeroporto tinha pessoas para recebê-la e que iriam leva-la até o hostel, no centro do Cairo, em que ela iria morar pelos próximos dois meses, durante o caminho só conseguiu reparar no caos que era a cidade, “O trânsito era uma bagunça, tinha muito lixo e muita sujeira. E foram duas horas para que a gente conseguisse chegar naquele hostel”.

E então Gabi iria conhecer a casa que moraria durante aquele tempo no país, e o choque foi ainda maior quando viu: “Eram beliches, mas não era tipo estrado fixo, eram tipo umas madeirinhas e um colchonete. E eu tinha muito medo de dormir em um beliche normal, imagina naquele que parecia que as madeiras iam cair. E muita gente não acredita, mas também tinha um banheiro compartilhado, que não tinha box e nem chuveiro, a gente tomava banho com água que saía de um cano que molhava o banheiro todo”.

Uma amiga de Gabi havia ido para o Egito um tempo antes e compartilhou com ela o contato de dois egípcios. Naquele momento ela decidiu entrar em contato com eles para conhecer a cidade, em pânico de estar em um país em que a comunicação era difícil e o entendimento de localização mais ainda. A publicitária conta que carregava consigo uma tabela do alfabeto árabe, pois ao usar carro de aplicativo, por exemplo, mostrava o nosso alfabeto no app, mas a placa dos carros estavam todas em árabe, assim como os números que eram todos em árabe também.

“Eu liguei para meu ex-namorado, que era meu amigo ainda na época, e pedi para ele ver passagens para eu voltar para o Brasil, mas o valor estava um absurdo de caro e eu não ia ter dinheiro para conseguir voltar. E se eu ligasse para minha mãe ela iria me matar”, hoje ela relata da situação rindo, após tantos anos, já com seus trinta e quatro anos. Foi no segundo fim de semana no país que ela fez uma viagem para as pirâmides e refletiu sobre o real propósito de toda aquela situação, a ficha caiu do lugar em que ela estava. “Eu comecei a pensar que eu era uma mulher forte e que iria conseguir enfrentar aquilo sabe”.

O trabalho no Egito

O trabalho voluntário era em um orfanato, onde apenas mulheres trabalhavam. A realidade poderia ser triste com sujeira e bagunça, mas saber o que ela poderia passar para aquelas crianças fazia toda a diferença para Gabi. “Olha, eu vivi experiências incríveis lá, o Egito é realmente maravilhoso! Tirando todas as dificuldades, ele é um país com muita diversidade cultural, com o tempo eu entendi que aquilo tudo é a cultura deles, apesar do choque cultural”.

Gabi havia viajado com o intuito de trabalhar como uma professora de inglês. Teria uma tradutora do árabe para o inglês, que seria responsável por acompanhar as

aulas, mas ela acabou não indo, dificultando a comunicação nos primeiros dias. Ela então contou que teve que aprender a se virar com mímicas para compreender os alunos. O trabalho realizado nesse orfanato era difícil, pois só a diretora falava – um pouco – inglês o que deixou este trabalho ainda mais desafiador. Logo que a rotina de aulas com a tradutora iniciou ela finalmente conseguiu começar a ensinar algo para aquelas crianças, “Tinham meninas de todas as idades, desde crianças abandonadas até adolescentes com filhos, muitas por conta da pressão social. Havia mulheres mais velhas que, por diversas razões, não eram mais consideradas cidadãs e dependiam de homens. Era tudo tão absurdo e impactante".

Dentro desse cenário houve algumas histórias que marcaram a viagem na vida de Gabi. Uma delas foi quando finalmente conseguiu ensinar essas pessoas a cantarem a música ‘head, shoulders, and toes’ – em português ‘cabeça, ombro, joelho e pé’ –, “eu tenho um vídeo delas superfelizes cantando e dançando a música, mas para preservar o rosto delas eu não posso compartilhar, mas com certeza foi um marco dessa viagem”.

Outra realidade daquele país e daquele orfanato era que muitas das meninas acreditavam que os pais voltariam para buscá-las em algum momento. Uma delas queria muito escrever a carta para um tio dela, em inglês, e foi Gabi quem auxiliou ela na produção desta carta. Nela a menina perguntava para esse tio quando que ele iria voltar. “Ajudei ela a escrever e entreguei para a diretora. Não tinha como enviar aquelas cartas então ela abriu um armário em uma sala que estava cheia de outras cartas daquelas meninas”.

Ela perguntou para aquela diretora o porquê dela não descartar aquelas cartas, e a diretora apenas respondeu que não conseguia fazer isso. “Aquilo me tocou profundamente e, nesse dia, chorei muito. Foi um dos momentos mais fortes da minha vida” conta Gabi.

E foi ao longo do tempo que permaneceu no Egito vivendo diversas situações desafiadoras que conheceu também a beleza e a diversidade do país. Ainda hoje ela reflete sobre essa viagem e tudo o que passou no país, a mais de 10 mil quilômetros de distância de sua família. Hoje Gabriela Coutinho é atriz de teatro musical e trabalha com produção de conteúdo, ela não se arrepende de ter feito a viagem que moldou quem ela é hoje, mas se soubesse que seria dessa maneira, não sabe se iria aceitar.



Gabi Coutinho (Instagram: @gm_coutinho)

Karla Lins:
Fora do ninho

Durante a faculdade de enfermagem, ainda na pandemia, Karla Lins resolveu viajar até Curitiba para visitar sua irmã que já morava na cidade. A família é de Dourados, no Mato Grosso do Sul, mas a vontade de ir para outra cidade atrás de novas oportunidades fez com que sua irmã saísse da cidade natal, o que despertou a mesma vontade em si mesma. Naquele momento Karla estava em um relacionamento, e seu namorado viajou junto com ela. “Era bom namorar com ele, sabe, era gostoso passar um tempo juntos. Eu só não tinha percebido o quão sufocante era ficar perto dele após uns três dias juntos” contou.

Estava animada para a viagem, tanto para ver a irmã, quanto para conhecer Curitiba. Mas a viagem acabou não saindo como planejado, “Ele era uma pessoa que reclamava muito, não foi uma viagem custosa. Gastávamos em passeio ou se fossemos comer algo diferente, mas ele ficava contando todos os gastos. Tudo ele pensava no lado negativo. Aí eu percebi que não me via com ele a longo prazo”. Após o fim da viagem, ela se via encantada pela ideia de viver em Curitiba, mas sentia algo de diferente em relação ao seu namorado. “Até minha mãe falava sobre como aquela viagem mudou meu relacionamento, que ele nunca mais foi o mesmo”, relatou.

Durante toda sua vida, Karla fora uma garota introvertida, gostava muito de ler e estudar. Junto com sua melhor amiga da escola matava aula para ficar lendo, ou passava o intervalo escondida na biblioteca, sentia então que com o tempo que estava com ele não conseguia fazer as coisas para si mesma como gostaria – e como sempre fez –. “Sabe aquela pessoa que te puxa para baixo, então, era ele”, um tempo depois o relacionamento realmente chegou ao fim.

Ela seguiu normalmente com sua vida, em busca de conseguir uma vaga em sua área de estudo. Dedicou-se ao curso de enfermagem do início ao fim, porém enfrentou dificuldades para conseguir um emprego em sua cidade natal. "Minha mãe queria que eu ficasse, mas eu estava determinada a vir para cá". Foi em maio de 2024 que Karla se mudou definitivamente para Curitiba, e logo que chegou a cidade começou a procura pelo emprego em sua área – ela precisava arranjar uma maneira de ajudar sua irmã com as despesas da casa, pois agora elas iriam dividir o apartamento –.

Ter o apoio de sua mãe nesse momento de mudança foi muito importante para ela, pois não foi sempre que se sentiu tão confiante assim para comunicar sua mãe de suas vontades. Em certo momento de sua adolescência teve que juntar toda a sua coragem para contar para sua mãe sobre sua sexualidade, enfrentou o medo de rejeição de sua família — tão religiosa –. Ela temia que ao revelar sua orientação sexual sua família poderia se afastar dela ou até mesmo expulsá-la de casa.

Mas até chegar nesse momento, houve indícios e foi a sua mãe que resolveu confrontá-la. "Ela me perguntou se eu ficava com meninas, e eu fiquei gelada. Estava com muito medo de perder meu lar", contou. Porém, para sua surpresa, a resposta de sua mãe foi positiva, apesar das dúvidas de sua mãe sobre o assunto, ela demonstrou amor pela filha, apoiando-a em qualquer circunstância.

“Isso aconteceu anos depois de eu começar a perceber sobre minha sexualidade, porque foi tipo em 2018 quando conheci uma colega do cursinho que eu fazia que eu percebi que tinha um frio na barriga sabe, em relação a elas. Apesar das lágrimas durante a conversa, minha mãe foi supercarinhosa, mas falou também que precisava de tempo para se adaptar agora sabendo daquela nova informação sobre quem eu sou”, contou Karla.

A relação de sua orientação sexual e a aceitação de sua mãe foi diferente em comparação a reação de seu pai, “Reparei que sempre que acontece isso, do filho sair do armário , só acontece com a mãe, o pai ignora. E comigo foi a mesma coisa, ele prefere ignorar enquanto minha mãe sempre chega até mim para tirar dúvidas, perguntando se está sendo preconceituosa e como deveria agir”.

Segundo o portal de notícias, Dourados News, a cidade de Dourados apresenta crescimento em novos empregos. Já Curitiba apresenta uma economia mais diversificada, registrando crescimento no número de serviços em diversos setores. A maior variedade de vagas da cidade é na área de alta tecnologia, serviços especializados, além da área da saúde. Em resumo, enquanto Dourados tem destaque nas oportunidades de setores mais tradicionais, Curitiba oferece um mercado mais dinâmico e diversificado.

Novo emprego e mais estudos

Neste meio tempo começou sua especialização em enfermagem do trabalho, mas ainda quer mais, “Também gosto muito da saúde da família, que é uma área que oferece mais vagas em concursos públicos, por exemplo. Outra área é saúde mental e obstetrícia” relatou Karla. Felizmente, não demorou muito para que ela conseguisse um emprego, foi com a ajuda de outras mulheres que conheceu em um grupo de Whatsapp.

“Hoje eu tô trabalhando com atendimento de telemedicina, o projeto que eu faço parte dessa empresa é o ‘Ta dodói’. Nele nós fazemos um primeiro atendimento com as pessoas, para tentar já passar aos médicos uma primeira análise. Às vezes pode ser algo mais grave e que irá precisar de exames, por exemplo, assim como pode ser algo mais tranquilo de ser cuidado. O intuito é realmente agilizar um encaminhamento médico”, Karla explicou sobre o tipo de atendimento que realiza em seu novo trabalho. “O atendimento das enfermeiras é 24h então nós trabalhamos por escala”.

Esse novo trabalho deixou a jovem enfermeira entusiasmada. Pois todo esse projeto em que ela está fazendo parte visa aproximar cada vez mais os pacientes do acesso à saúde, e não apenas de Curitiba mas de todo país. “Temos atendido pacientes de São Paulo, Rio de Janeiro, e outros locais", comentou.

Segundo o Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população em Curitiba é formada por pouco mais de um milhão e meio de habitantes. Desse total, 67 mil pessoas (4,2%) vieram de outros estados como, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul. A busca por novas oportunidades e a construção de sua carreira profissional em Curitiba, foi um dos principais motivos que fizeram Kara vir de tão longe para a capital paranaense.

“Quando decidi que ia vir pra cá, o caminho todo eu pensava no que poderia dar errado, de eu acabar tendo que voltar pro meu estado e que isso me deixaria muito frustrada caso acontecesse. Mas também senti um alívio enorme por ter tomado a decisão que havia adiado por um bom tempo” contou Karla, “Me senti feliz pelo novo rumo que estava tomando minha vida e as novas possibilidades que eu teria na cidade. Não me arrependo de ter vindo, tenho construído coisas pra cá também e junto disso também vieram novas amizades e lugares incríveis que visitei e que vou lembrar”.



Karla Lins (enviado pelo Whatsapp)

Ayla Espinoza:
Além do horizonte

Aos 23 anos Ayla Espinoza perdeu sua mãe, aos 26 mudou de país. Foram alguns dias de viagem de ônibus com seu filho, havia algumas falhas mecânicas no transporte e para tentar sair, como alternativa de menor risco o motorista seguiu por um caminho diferente do convencional. “Essa viagem foi muito marcante, pois quase que meu filho e eu morremos, o ônibus desde que saiu da rodoviária estava apresentando falhas e para evitar ter que parar tanto na estrada e que o ônibus quebrasse em algum lugar perigoso, o motorista decidiu ir por um caminho alternativo, mas tinha que atravessar as montanhas. E em algum momento o ônibus teve algum problema e virou de um lado para o outro e lá era um barranco, quase caiu no precipício. Eu sempre acreditei em Deus, mas depois desse dia acredito mais ainda, pois sei que foi Ele que nos protegeu para não morrer naquele dia” relatou ela sobre a viagem.

Segundo dados divulgados no início de 202, pela Agência Brasil, foram acolhidos mais de 125 mil refugiados da Venezuela. Essa migração é realizada por meio da Operação Acolhida, essas pessoas vivem em mais de mil municípios, sendo um deles Curitiba, que representa uma das cidades com maior número de acolhidos, desde 2018. Esse trabalho auxilia no deslocamento dos refugiados, uma alternativa humanitária para a alta demanda de chegada ao país. A operação trabalha com três eixos: ordenamento da fronteira; acolhimento e interiorização. O portal Brazilian Report também diz que um dos motivos para essa alta migração foi a alta na inflação venezuelana, o que fez com que a busca por um novo lar iniciasse.

Ayla cresceu em uma comunidade rural, embora sua família enfrentasse limitações financeiras, ela se lembra com carinho da infância, “Nunca percebi que éramos pobres, porque meus pais sempre se esforçaram para que não nos faltasse nada”. Sua infância foi marcada por brincadeiras com irmãos, primos e amigos, sempre recheada de aventuras que, segundo ela, a faz sorrir até hoje.

Mais um sonho realizado

Apenas uma semana após sua chegada ao país – em novembro de 2018 –, Ayla decidiu que iria se inscrever no vestibular da UFPR, voltado para migrantes. “Publicaram o edital assim que eu cheguei, e no decorrer dos dias fui compilando os documentos requisitados para inscrição e consegui me inscrever no último dia, e foi com quase dois meses no país que eu fiz o vestibular”, ela também relatou que na época sabia coisas básicas da língua portuguesa, “Tive que fazer uma redação na língua que tinha apenas dois meses ‘falando’, sem saber as regras gramaticais ainda, fiquei muito nervosa ao escrever”.

Ayla pensou que não iria conseguir finalizar a prova nesse momento, “Eu pensei, ‘já era’, vou tentar escrever algo fácil e que não precise de muitas conjugações verbais,

mas o que eu queria escrever não sabia como traduzir para o português, aí que surgiu uma ideia no meu cérebro e lembrei que a prova estava em português e entendia as questões. Fui pegando palavras chaves da prova e substituindo aquelas palavras na minha redação", assim Ayla finalizou a prova e quando saiu o resultado ficou surpresa, ela ficou na sétima posição, das dez vagas oferecidas.

Conseguiu entrar em uma universidade pública mesmo sem conseguir falar com segurança a língua, "Eu não parava para pensar nisso, mas quando conto para as outras pessoas essa história e o que conquistei sem saber da língua portuguesa, assim que parei para refletir sobre isso e me dar crédito pelo o que eu conquistei", Ayla já tem a formação de técnica de enfermagem, e hoje aos 32 anos está terminando o curso de fisioterapia pela Universidade Federal do Paraná.

A Universidade Federal do Paraná possui alguns programas e iniciativas para realizar o acolhimento de migrantes e refugiados, sendo um deles o Programa PBMIH – que é um projeto de extensão chamado também de Português Brasileiro para Migração Humanitária –, e a oferta da disciplina de português como língua de acolhimento, que é colocada na grade do ano zero destes alunos.

Hoje ela mora com o filho, o irmão e seu parceiro, "Eles são meu suporte, meu motivo de seguir em frente é minha ajuda diária, minha relação com minha família é muito boa, agradeço sempre a Deus pela família que tenho, pois sei que outras pessoas não têm tanta sorte". Sua irmã mais velha, sobrinhos e pai ainda moram na Venezuela, e sua irmã mais nova e seu outro sobrinho moran no Chile: "Sinto muita saudade deles, me pesa muito morar longe deles".

Ayla também compartilhou sobre como ela define sua feminilidade e o ser mulher após ter vivido tudo o que viveu e, hoje, está quase formada fisioterapeuta em um país diferente do seu. "Apesar das dificuldades, tenho a capacidade de lidar com os desafios e seguir em frente. Ser mulher para mim é ser capaz de lidar com mil coisas ao mesmo tempo e apesar de se sentir quase caindo, se recompor e continuar em frente. Considero que sou uma mulher forte porque uma mulher forte me formou, apesar de minha mãe crescer e viver em uma sociedade machista, me formou com valores e com o empoderamento de saber que a mulher pode fazer qualquer coisa, mas sempre fazer o que nos traz felicidade e satisfação comigo mesma. Sinto muito orgulho da mulher que ela foi, por ela sinto orgulho de ser mulher" contou a estudante.

A história de Ayla é marcada por desafios e mudanças, desde a perda de sua mãe até a travessia arriscada para chegar ao Brasil. Prestes a se formar, ela consegue visualizar um futuro que construiu com esforço e dedicação, "O que me faz continuar é a certeza de que, com cada passo, chego mais perto do que sonhei."



Ayla Espinoza (enviado pelo Whatsapp)

JULIA*

Julia* passou a maior parte de sua vida mudando de estado por conta do trabalho de seu pai militar do exército. “Eu nasci em Curitiba, aqui no Paraná. Daí eu fui para o Rio Grande do Sul e morei em São Nobundo, aí eu fui morar em Recife, no Pernambuco. Depois fui para Tabatinga, no Amazonas e depois eu fui para Nova Esperança, no interior do Paraná. Agora já faz quatro anos que estou morando de volta em Curitiba". Por causa das várias mudanças o laço entre ela e sua família se tornou muito forte. A sua família era composta pelos seus pais e suas duas irmãs mais velhas, Julia relatou que sua irmã do meio sempre foi a mais protetora com ela durante sua infância e pré-adolescência.

Ainda durante sua infância, sua irmã mais velha se mudou para Curitiba, ficando apenas ela e a irmã do meio, que sempre brincaram muito “Gosto de lembrar dos fins de semana com meu pai em casa e das brincadeiras com ela”, relatou. Julia tinha apenas dez anos quando a irmã mais velha se mudou para Curitiba, “Acho que fiquei uns seis anos sem ver ela, porque foi com dezessete que eu vi ela de novo só, então foi isso, foram seis anos”. Julia diz que lembra com carinho delas, principalmente de Tabatinga, “Eu gosto de Tabatinga porque foi a cidade que eu cresci, porque por exemplo Nova Esperança no interior aqui do estado eu não consegui criar muito apego” disse.

Segundo Julia, Tabatinga por ser uma cidade com muitas vias fluviais havia grande circulação de pessoas, “Muitas pessoas apenas passavam e o tráfico era bem grave, eles conheciam ‘atalhos’ para passar. Tenho lembrança também da fiscalização nos aeroportos da cidade”.

Ela também contou que tinha um ‘espelho’ a ser seguido por ter suas irmãs mais velhas, por isso seu início de adolescência teria sido estranho. “Elas foram pessoas que ‘deram certo’, eram inteligentes, tinham bons relacionamentos com nossos pais. Só que dentro daquilo de pai e mãe era meio que controlado e na minha cabeça eu já sabia que não gostava daquilo, eu achava que minhas irmãs não viviam tudo que elas tinham que viver por estar nesse núcleo muito fechado” relatou Julia. Após observar como foi a criação com suas irmãs mais velhas, ela acabou se tornando a irmã rebelde.

As irmãs mais velhas de Julia seguiram o que os pais impuseram para elas durante a juventude toda, logo, a irmã do meio dela acabou ficando mais protetora com ela com o passar do tempo, “Eu não concordava de não poder ter amigos, e minha irmã do meio que continuou morando comigo, fazia vista grossa com as minhas amizades. Eu não podia escolher minhas amizades, não podia escolher o que eu queria fazer ou com quem eu queria fazer”.

Ela também contou que até para tomar um sorvete com uma amiga, a irmã tinha que dar aprovação. Por conta disso, com o passar do tempo Julia se tornou ainda mais rebelde, saia escondido várias vezes e fazia o que queria fazer e ponto. “Essa falta de filtro com as pessoas durou até os meus 16 anos e eu quebrei muito a cara com amizade, tipo, bastante mesmo”, contou Julia.

Madrugada do crime

Então um dia, ela mentiu para os pais dizendo que não iria sair, mas pediu para dormir na casa da amiga dela. Como a cidade era pequena e todos se conheciam, seu pai a levou ela a casa dessa sua amiga. Naquela noite seu pai fez apenas um pedido “Não saia daqui”, mas Julia tinha planos para aquela noite, “Já estava tudo planejado, que a gente ia sair, ia pra um rolê e eu ia dormir lá nessa amiga. Mas não foi muito bom porque eu discuti com uma pessoa que eu estava me relacionando, daí essa minha amiga que eu estava na casa me disse que ela não iria dormir em casa”, contou.

O plano de Julia não estava saindo como havia pensado, “Essa minha amiga ia dormir na casa de outra pessoa e não teria lugar pra mim. Eu não sabia o que fazer, não podia ir pra casa dela e muito menos para a minha”, já eram cerca de três da manhã mais ou menos quando tudo isso acontecia. “Aí eu decidi dormir na casa daquele menino que eu me relacionava e a gente brigou, porque eu descobri que ele havia ficado com outra pessoa, e eu fiquei chateada”. Julia ficou muito nervosa, sabia que havia feito algo errado e agora não tinha para onde ir. Vendo isso, um amigo de Julia ofereceu sua casa para ela dormir. “Esse meu amigo que morava relativamente perto de casa falou ‘Não, dorme lá, que cedo eu te levo em casa’, e eu fiquei mais tranquila sabendo que ia ter onde ficar. Foi então que antes de ir para casa dele, que ele deu a ideia de comprar o café da manhã, ele disse que sabia um lugar que estaria vendendo café naquele horário”.

Julia, seu amigo e mais um rapaz, foram juntos de moto comprar o café da manhã. Não demorou muito para eles perceberam que havia alguém perseguindo-os. “Nessa hora nós pensamos que se a gente parasse nada iria acontecer. Nós paramos, eram dois homens em uma moto e o cara que estava na garupa puxou o revólver e falou que era um assalto”, disse. O colega que estava acompanhando eles conseguiu fugir de moto, mas já a moto em que Julia estava derrapou na areia e eles caíram. “Esse colega que estava com a gente conseguiu chamar a polícia, mas nesse meio tempo o cara pegou o meu celular, me abusou sexualmente e espancou o meu amigo. Quando a polícia chegou houve uma perseguição e eu fui até a delegacia com os meninos que estavam comigo de moto”.

Julia chegou na delegacia e encontrou um policial conhecido da família, contou o que havia acontecido. Um tempo depois os dois homens que tentaram assaltar ela também chegaram no distrito policial, “Passou então o rapaz que me abusou, ele voltou todo inchado e quase que eu não conseguia fazer o reconhecimento, mas deu

certo. Mas como eu tinha ainda quatorze anos eu não podia sair da delegacia, nem retirar meu celular que havia sido encontrado eu podia pegar sem minha mãe ou meu pai". O dia já estava amanhecendo e Julia começou a tentar contato com sua mãe, "Eu sabia que meu pai ia ficar de serviço, então pensei 'não vou ligar pra ele porque ele está indo pro trabalho' então fiquei tentando falar com minha mãe".

Após várias tentativas sua mãe atendeu e Julia teve que explicar o que havia acontecido naquela noite, "Minha mãe ficou sem acreditar em tudo o que aconteceu naquela madrugada, mas ela não brigou comigo por causa da situação do abuso que sofri, eu estava chorando quando contei pra ela por telefone. Depois disso eu parei um pouco, fiquei uns cinco meses de castigo e o cara foi preso".

Um mês depois desse ocorrido teve o aniversário do amigo dela, sua mãe fez um combinado para ela ir lá comer pizza com eles, mas voltar antes das dez horas. "Eu não mentia mais para minha mãe, falava tudo pra ela. E nesse aniversário eram amigos que não estavam neste ocorrido, então contei o que tinha acontecido para eles entenderem, tinha só um garoto lá junto que eu não conhecia e eu descobri que ele era amigo do irmão do cara que me abusou e que acabou sendo morto lá dentro da cadeia logo depois que foi preso" contou Julia.

Em 2023, uma pessoa foi estuprada a cada seis minutos segundo o 18° Anuário Brasileiro de Segurança Pública. A história de Julia retrata a dolorosa realidade vivida por muitas mulheres no Brasil, cerca de 60% das vítimas são menores de quatorze anos. As consequências emocionais e físicas de uma experiência como a vivida pela Julia pode causar impactos profundos e de longo prazo na vida da vítima. "Aparentemente o trauma causado pela violência sexual é tão intenso que leva ao desenvolvimento de um transtorno de estresse pós-traumático com características diferentes das observadas no distúrbio gerado por outras causas, como um assalto à mão armada", conta a psiquiatra Andrea Feijó de Mello em entrevista a um artigo da Revista Pesquisa Fapesp. Esta realidade reafirma a necessidade de políticas públicas mais eficazes, para tentar evitar a exposição de jovens a situações de risco.

Keila Melise Lopes:
Reconhece a si mesma

A relação de Keila Melise com sua família não era das melhores, mas hoje vive uma fase de calmaria. Com seus trinta e dois anos completos, é psicóloga clínica e casada. Mas para chegar até a estabilidade que tem hoje ela teve que passar por muitas mudanças em sua vida. “Morei o primeiro ano da minha vida na minha cidade natal, no ano de 1993 a minha mãe engravidou do meu irmão e em 1994 fomos para a cidade de Ibirama, Santa Catarina para minha mãe ter o meu irmão, pois em Curitiba estava um caos por conta dos sequestros de bebês recém-nascidos nos hospitais. Logo após o nascimento dele, fomos morar na cidade de São José dos Pinhais, onde permanecemos até o ano de 1997. Neste mesmo ano, o meu pai comprou o sobrado no bairro Boqueirão, em Curitiba, que viria a ser a casa que eu cresceria”.

Ainda aos seus seis anos, Keila teve um marco – que seria marcante para uma criança –. Seu pai sempre passou longos períodos fora de casa, sua mãe fazia o papel de pai e mãe segundo ela. “Me lembro da minha mãe achar e guardar alguns fios de cabelo longo e cacheados do carro do meu pai. Na época, a minha mãe tinha cabelo curto e liso”. Ela contou que sua mãe guardou estes fios no meio de um caderno.

“Lembro de um episódio, meu irmão deitado no meu colo no banco de trás do carro, meu pai e a amante na parte da frente, era uma viagem ao porto de Paranaguá. Não me lembro do passeio, só lembro da gente na casa da mulher comendo pizza de calabresa”. Hoje, quando conversa com sua mãe sobre toda essa situação, ela sabe das desconfianças por parte de sua mãe sobre esses relacionamentos extraconjugais.

Toda essa situação trouxe grandes impactos no futuro dela, pois naquele mesmo ano, enquanto via um álbum de fotografia junto com sua mãe, ela comentou sobre uma foto: ‘Olha mãe, ela parece a amiga do papai’. Sua mãe começou a investigar e tentar descobrir mais, Keila ainda com seus seis anos, contou sobre o passeio no porto. “Não me arrependo e faria de novo, sem dúvidas” disse sobre o ocorrido. “Eu carrego essa história comigo e somente de uns cinco anos para cá que eu consigo contá-la sem chorar, mas isso também influenciou muito em meus relacionamentos amorosos, e durante anos a minha relação com o meu pai”.

Na casa de um amigo

Em sua adolescência, Keila viveu uma fase de rebeldia. Reprovou a sétima série duas vezes, passando noites do fim de semana fora de casa sem dar satisfação a ninguém, e ela sabia que sua mãe estava com problemas psicológicos por conta das traições de seu pai. “Quando eu tinha cerca de treze ou catorze anos e vivia minha ‘fase emo’, eu fui estuprada por um rapaz de dezoito anos que fazia parte desse

mesmo grupo de pessoas", diz Keila sobre experiência traumática vivida no fim de sua infância.

"Ele fazia parte da 'galera emo' que eu andava, ele tinha dezoito e depois de um tempo nos aproximamos bastante, descobri até que ele morava perto da minha casa", contou Keila. "Eu sempre fui gordinha e ele me dizia 'você precisa emagrecer para podermos ficar', isso resultou comigo parando de comer, tipo de verdade, comia duas ou três bolachas de água e sal e tomava água, por semanas". Ela também relatou que nessa época sua menstruação parou de descer por consequência da má alimentação, como ela não havia tido nenhum tipo de relação sexual até este momento, sabia que não estava grávida.

Aconteceu em um fim de semana em que Keila foi até a casa do amigo para jogar vídeo game que aconteceu o abuso, "É muito nebuloso para mim contar como isso tudo aconteceu, só me recordo de ser colocada deitada no sofá e ele falando algumas coisas enquanto eu gritava 'não', 'não quero', 'me solta' e 'quero ir embora'. Depois da violência ele ainda teve coragem de pedir pra eu limpar o sofá que estava sujo de sangue, eu não sei como tive coragem pra responder, mas eu disse que não iria limpar e fui embora".

No momento que aconteceu, Keila não entendia o que realmente havia acontecido ali, ela apenas sabia que era sexo, mas não enxergava a gravidade do ocorrido. Levou alguns anos para ela se dar conta de que era uma violência sexual. As vítimas de estupro, segundo a Agência Brasil, são meninas (88,2%), negras (52,2%). A idade é de no máximo 13 anos (61,6%). A maioria dessas vítimas são do sexo feminino, a taxa média nacional de estupros e estupros de vulnerável foi de 41,4 por 100 mil habitantes. Anos depois ela reconheceu como um estupro, além de perceber que meses antes o que ele fazia era abuso psicológico.

A questão com seu corpo continuou pelos próximos anos, principalmente dentro do próximo relacionamento de Keila. O namoro durou cerca de cinco anos e teve muitas idas e vindas. Ela relata que o relacionamento era parecido com esse anterior, mas pior. "Abusivo, tóxico, manipulador. Foi um relacionamento à distância e sempre se manteve assim, à distância. Ele ia me visitar e depois de um tempo eu ia visitá-lo. No entanto, o que me marcou nesta relação foi que o padrão do cara da primeira história que se repetiu aqui, de uma forma ainda mais intensa. Ele falava coisas do tipo: 'você precisa emagrecer para eu poder te apresentar aos meus amigos', 'você precisa arrumar o seu cabelo dessa forma para podermos sair', isso mostrando foto de uma amiga". Dentro desse relacionamento Keila passou por diversos momentos de tensão com o parceiro, como em uma situação que estava na casa dele e sua menstruação estava atrasada. "Ele me disse que no dia seguinte iria me levar no postinho para fazer um teste de gravidez, e caso desse positivo eu teria que fazer um aborto. Dormimos, e na manhã seguinte a minha menstruação desceu como nunca. Ela escorria entre minhas pernas", demorou mais um tempo para ela

conseguir terminar com ele, hoje ela se vê livre desta situação e deste tipo de relacionamento.

Sexualidade e autoestima

Keila durante a maior parte de sua vida se reconheceu como uma mulher bissexual, foi quando conheceu sua atual namorada em uma conversa antes de dormir, que percebeu que talvez fosse diferente. “Um dia quando ainda estávamos nos conhecendo, eu perguntei sobre o seu primeiro beijo, logo ela perguntou sobre o meu também. Eu contei a que lembrei por primeiro, mas em um outro momento nessa mesma conversa lembrei que na verdade meu primeiro beijo havia sido com uma menina, uma vizinha”, após essa conversa que começou a questionar sobre como realmente se identificava. “Hoje eu sei que sou uma mulher cis lésbica”, concluiu Keila.

Além de sua sexualidade, sua saúde também passou por mudanças nos últimos anos. Keila chegou a um quadro de obesidade, o que a levou a realizar uma cirurgia bariátrica em 2015. O procedimento não melhorou apenas sua saúde física, mas também melhorou sua autoestima e sua maneira de olhar para si mesma. Keila perdeu 53 kg.

Todas suas experiências geraram nela interesse em estudar feminismo, questionar as normas sociais do papel da mulher, o que fez com que ela hoje compartilhasse suas histórias em rodas de conversas. “O ser mulher é o ser. O ser mulher é o ter. O ser mulher é o sentir. O ser mulher é o se tocar. O ser mulher é o fazer. O ser mulher é o existir. O ser mulher é o lutar. O ser mulher é o resistir. O ser mulher é ser o que deseja ser. E eu estou sendo todas essas mulheres. Sendo, tendo, sentindo, tocando, fazendo, existindo, lutando e, principalmente resistindo”.



Keila Melise Lopes (enviado pelo Whatsapp)

Brunna Nonato:
Na busca por mais

Durante a infância, Brunna Nonato, se sentia muito diferente e distante das outras meninas. “Tem um vídeo que foi filmado pela minha escola em que todas as crianças estão brincando ‘assim’ se divertindo e eu estou sentada no cantinho, mas quando eu vejo a câmera apontando pra mim, eu sorrio e tudo mais e eu volto a ficar na minha”.

Ainda na adolescência, ela contou ter se tornado uma pessoa assustada. Principalmente quando reconheceu que o seu sentimento por mulheres era mais do que apenas admiração. Ela fez catequese na infância e adolescência por conta da pressão que sofria de sua família, tornando-se ainda mais retraída. Enquanto outras pessoas estavam saindo e se relacionando, Brunna contou que estava geralmente lendo e sozinha, pois sentia medo. “Como eu era uma criança no início ainda da adolescência, eu rezava todas as noites para que Deus tirasse esses pensamentos da minha cabeça, tipo tirar essa minha curiosidade em amar uma mulher ou me relacionar com uma mulher e toda essa vontade”, relatou.

O desejo que Brunna acabou sendo reprimido durante toda sua adolescência, então muitas das coisas comuns de serem vividas nesta fase, ela não fez por vontade própria. “O desejo que eu sentia foi tão reprimido que muitas das coisas que eu fiz nesta fase foram realmente por pressão. Então, o primeiro beijo, a primeira relação sexual, a vontade de passar maquiagem, enfim, essas coisas”, contou. “Eu sentia muita pressão em fazer, então tava todo mundo beijando na escola e eu não tava beijando, eu ficava lendo, eu tinha medo, eu tinha receio! Muito porque eu tinha esse medo do inferno, esse medo do poder de um Deus cristão na minha vida e também dos meus pais. Queria saber, aquilo que eu queria ser, nunca existiu de uma forma verdadeira, uma vez que a minha sexualidade, a minha individualidade foram coisas assim reprimidas, sabe?”.

Encontro consigo mesma

Aos 22 anos, Brunna entrou em seu primeiro relacionamento com outra mulher. Antes disso ela havia se relacionado somente com homens, que revela terem sido péssimos e foram apenas buscas para seguir um padrão de vida “normal”. “Eu me sexualizava muito, acredito que me colocava em situações abusivas e tóxicas somente pela aprovação masculina e consequentemente também aprovação da sociedade’’ contou.

No início da pandemia que Brunna começou o relacionamento com outra mulher, após o seu relacionamento com homem ter se tornado um relacionamento à distância. “Eu e ela tínhamos uma relação meio virtual. Somente após a flexibilização referente a Covid que começamos a sair um pouco mais”, durante um

desses encontros que começou a desconfiança dos pais. Um dia ela se arrumava para encontrar a namorada e sua mãe a confrontou, “minha mãe me arrancou completamente do armário, eu não tive coragem nenhuma de sair, assim, eu ainda sentia aquela culpa cristã e também um pouco de culpa familiar, eu pensava, ‘meu Deus, estou decepcionando os meus pais’. E a primeira coisa que ela me falou é que ela achava que era pecado e que Deus não ia gostar”, conta Brunna.

A história de Brunna desde o princípio tem fortes laços com o cristianismo e o catolicismo de sua família, “Eu acho que é impossível eu contar a minha história, principalmente pela perspectiva da sexualidade, sem entrelaçar o contexto católico ou cristão… Sempre foi algo muito presente porque essa era, essa é a sociedade”. Sua descoberta veio junto com diversas crises existenciais, da presença de Deus tão forte em sua vida, até pensamentos se ela realmente era uma mulher cis gênero – que se reconhece com o corpo designado no nascimento –, “As pessoas sempre destacaram que eu era uma menina um pouquinho mais machinho, igual comentavam, mas eu acabei crescendo”.

Ao contrário da reação de sua mãe, sua avó a acolheu desde o primeiro momento. Sua avó foi a primeira que a aceitou na família e disse palavras de conforto para Brunna, “Ela falou que não se preocuparia de forma alguma em querer colocar Cristo no meio, porque Jesus Cristo iria amar a todos. Então, foi sempre algo muito positivo, uma relação de carinho, foi ela quem me criou praticamente junto com os meus pais, muito presente, eu a vejo quase toda semana e é muito simbólico ter alguém assim que marcou a minha vida com muito respeito e com muito amor”. Segundo o Datafolha, o Brasil conta com 84% de declarados cristãos. Em paralelo, no último ano o número de crimes de LGBTfobia cresceram 42%, segundo a Agência Brasil.

O sentimento e a opinião sobre si mesma mudaram conforme a sua formação acontecia. “Eu me formei em comunicação na Universidade Federal do Paraná, tenho pós-graduação em escrita criativa e pra mim isso foi muito importante. Na minha família o estudo não é muito presente. Uma vez que os meus avós e minha bisavó vieram do interior do Paraná. Minha bisavó era uma mulher indígena, então era uma pessoa que não tinha esse contato com a escola, com a educação”, relatou. Já o outro lado da sua família também não estava inserido no meio acadêmico por outros motivos, “Achavam que as mulheres não deveriam estar inseridas no mercado de trabalho, porque mulher não serve para isso, enfim, todo aquele contexto… Isso sempre me impactou muito ao identificar o que é ser uma mulher, porque se na minha família e talvez em outras ser mulher é somente ser presente em casa, eu não conseguiria. Por isso muitas vezes eu não pareço conseguir ainda me identificar totalmente como mulher”.

A presença das mulheres no ensino em nosso país foi permitida no Brasil Império em 1979, mas para que elas pudessem ingressar nestes espaços, ficavam

dependentes dos pais ou maridos realizarem a matrícula delas. Dados do IBGE mostram que a maioria das pessoas no país com ensino superior completo são mulheres, elas correspondem a 21,3% dos brasileiros com diplomas de universidade, enquanto 16,8% dos homens possuem o diploma superior. Inserida neste contexto, Brunna Nonato mudou o caminho predestinado entre as mulheres de sua família. Por meio da busca pelo estudo e educação, ela se sentiu então empoderada e define que a partir disso criou sua própria identidade e independência.



Brunna Nonato (enviado pelo Whatsapp)

Referências

https://www.eefe.usp.br/destaque-eefe/mulheres-s%C3%A3o-minoria-em-comiss%C3%B5es-t%C3%A9cnicas-no-handebol-paulista-segundo-estudo-eefe

https://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373335567_ARQUIVO_Mulhereseesporte.pdf

https://portal.ifba.edu.br/noticias/2024/temos-mulheres-que-se-apoiam-umas-nas-outras-unidas-apenas-pelo-handebol

https://www.uol.com.br/esporte/colunas/lei-em-campo/2021/08/06/handbol-da-exemplo-a-outros-esportes-protegendo-direitos-de-mulheres.htm

https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/2023/07/19/copa-feminina-2023-tera-maior-presenca-de-mulheres-como-treinadoras-veja-lista.ghtml

https://jornal.usp.br/atualidades/mulheres-ainda-sao-minoria-em-cargos-esportivos/

https://brasilescola.uol.com.br/geografia/egito-1.htm#:~:text=O%20Egito%20tem%20hoje%20um,mais%20de%20tr%C3%AAs%20mil%20d%C3%B3lares.

https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2019/06/064_ASPECTOS-CULTURAIS-E-POTENCIALIDADES-DO-RIO-NILO-EM-RELA%C3%87%C3%83O-AO-EGITO_721_a_731.pdf

https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-04/cada-8-minutos-uma-mulher-e-vitima-de-estupro-no-pais

https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-07/brasil-registra-um-crime-de-estupro-cada-seis-minutos-em-2023

https://noticias.r7.com/educacao/mulheres-tem-mais-diploma-na-universidade-e-vao-mais-a-escola-do-que-os-homens-diz-ibge-08032024/

https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2024/03/05/mulheres-cargos-de-lideranca-cni.htm#:~:text=Mulheres%20ocupam%20hoje%2039%2C1,7%25%20das%20posi%C3%A7%C3%B5es%20de%20lideran%C3%A7a.

https://brazil.iom.int/pt-br/news/oim-apoia-justica-na-divulgacao-de-dados-da-migracao-venezuelana#:~:text=Bras%C3%ADlia%2C%2030%2F03%2F2022,Identifica%C3%A7%C3%A3o%20e%20Triagem%20dos%20Imigrantes.

https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/brasil-acolhe-mais-de-125-mil-migrantes-e-refugiados-venezuelanos-por-meio-da-operacao-acolhida

https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/em-cinco-anos-brasil-recebeu-mais-de-700-mil-imigrantes-venezuelanos

https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/mulheres-no-ensino-superior-sao-maioria-entenda

https://noticias.r7.com/educacao/mulheres-tem-mais-diploma-na-universidade-e-vao-mais-a-escola-do-que-os-homens-diz-ibge-08032024/

https://www.une.org.br/2013/01/mulheres-sao-a-maioria-nas-universidades/

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi explorado as potências do jornalismo literário como uma maneira singular de transmitir histórias reais, além de trazer dados e transmitir informações. Combinado elementos de narrativa literária com a precisão e o compromisso com a verdade que o jornalismo exige, este estilo tem a capacidade de humanizar a profundidade dos mais diversos temas, promovendo maior empatia e compreensão dos leitores da obra.

> Não por acaso esta forma seria conhecida nos dois países por variados nomes, como “Jornalismo Narrativo, Literatura da Realidade, Literatura Criativa de Não Ficção” (LIMA, 2016), entre outros. No Brasil, há uma corrente que caracteriza a modalidade como parte integrante do gênero diversional (MELO; ASSIS, 2010), não no sentido de entretenimento, mas de diverso (COSTA, 2015, p.76), estando mais ligada ao estudo do formato do que propriamente do conteúdo ou dos processos produtivos. (MARTINEZ, 2017)

Escrever um livro-reportagem requer tempo de pesquisa, sendo elas feitas por meio de leituras dos mais diversos modelos de produtos já citados, como assistir e ouvir outras mulheres, professores e especialistas. Com o jornalismo literário, humanizando os relatos e conversando com as personagens – o máximo de vezes possíveis –, com intuito de fazer com que a história de cada uma delas seja contada de maneira confortável para todas, também fez parte do trabalho de criação deste livro. Com cada vez mais velocidade no compartilhamento de notícias, o jornalismo literário cumpre um papel diferente: permitir o público a se conectar com as experiências humanas e compreender as diferentes realidades, muitas vezes invisibilizadas.

Este trabalho então reforça que o jornalismo literário é uma ferramenta valiosa para não apenas informar, mas também para emocionar e provocar reflexões profundas sobre temas sociais, culturais e históricos. Assim, este TCC busca contribuir para o fortalecimento do jornalismo literário, incentivando uma prática jornalística que se compromete com a verdade e, ao mesmo tempo, valoriza a sensibilidade.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, D. R. B. **Memórias de Mulheres: Livro-Reportagem com perfis biográficos de femininos múltiplos**. 2015. 71 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. DOI https://doi.org/10.14393/ufu.di.2015.111.

AUGUSTA, N. F. B.; DE CLEYRE, V. **Feminismo 1ª Onda**. Tradução: Maurício A. Junior. 1 ed. São Paulo: Aeroplano, 2021. 140 p.

BEAUVOIR, S. O Segundo Sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Mulheres recebem 19,4% a menos que os homens, aponta 1º Relatório de Transparência Salarial**: Levantamento confirma desigualdade entre mulheres e homens em estabelecimentos do setor privado com 100 ou mais empregados; apenas 32,6% das empresas têm políticas de incentivo à contratação de mulheres. [*S. l.*]: Ministério do Trabalho e Emprego, 25 mar. 2024. Atualizado em 1 abr. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Marco/mulheres-recebem-19-4-a-menos-que-os-homens-aponta-1o-relatorio-de-transparencia-salarial. Acesso em: 01 maio 2024.

CAMBRAIA, D. **A cada 15 horas, uma mulher é vítima de feminicídio no país, diz pesquisa**. CNN Brasil, 7 mar. 2024. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/a-cada-15-horas-uma-mulher-e-vitima-de-feminicidio-no-pais-diz-pesquisa/. Acesso em: 08 maio 2024.

CAPOTE, T. **A sangue frio: Relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas conseqüências**. Tradução: Sergio Flaksman. 1 ed. Brasil: Companhia das Letras, 2003. 440 p.

CASTRO, G. **Jornalismo Literário: uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010. 88 p.

GUEDES, M. E. F. **Gênero, o que é isso?**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 15, n. 1-3, p. 4–11, 1995. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1414-98931995000100002. Acesso em: 01 maio 2024.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução: Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018

HORTELA, T. M.. **Sebrae em dados - Empreendedorismo Feminino**. Sebrae/PR, 2022. Disponível em: https://sebraepr.com.br/comunidade/artigo/sebrae-em-dados-empreendedorismo-feminino. Acesso em: 08 maio 2024.

JUARROZ, R. **Poesía y Realidad**. 1 ed. Valencia: Pre-textos, 2000. 64 p.

LACERDA, Nara. Brasil tem 124 denúncias de abuso sexual contra crianças e adolescentes por dia. **Brasil de Fato**, São Paulo, 18 maio. 2024. Direitos Humanos. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2024/05/18/brasil-tem-124-denuncias-de-abuso-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-por-dia. Acesso em: 8 fev. 2025.

LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas: o Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura**. 4 ed. Barueri: Manole, 2009. 486 p.

LIMA, E. P. **Registros breves para uma história futura**. Disponível em: www.textovivo.com.br/edvtt01.htm.

MAGALHÃES, F. G. **Livro-Reportagem: Marielle, Presente! - Entre o ódio e a comoção de multidões em torno de sua tragédia**. 2019, 28 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Comunicação Social-Jornalismo) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2019.

MARTINEZ, F. **O que é empreendedorismo feminino? Empresárias explicam**. G1, 31 maio 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/empreendedorismo/noticia/2022/05/31/o-que-e-empreendedorismo-feminino-empresarias-explicam.ghtml. Acesso em: 08 maio 2024.

MARTINEZ, M. **Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas**. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 40, n. 3, p. 21–36, set. 2017.

MENDES, R. P. da Silva. **Mulheres no mercado de trabalho**. Brasil Escola, s.d. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/a-mulher-mercado-trabalho.htm. Acesso em: 08 maio 2024.

NICOCELI, A. **Brasil registra 1.463 feminicídios em 2023, alta de 1,6% em relação a 2022**. G1, 7 mar. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/03/07/brasil-feminicidios-em-2023.ghtml. Acesso em: 15 maio 2024.

PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. **PAHO**. Violência contra as mulheres. Disponível em: https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women. Acesso em: 8 fev. 2025.

PENA, F. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**. Núcleo de Pesquisa da Intercom, 2006.

PONTES, L. **Mulheres brasileiras na mídia portuguesa**. Cadernos Pagu, n. 23, p. 229–256, jul. 2004. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000200008. Acesso em: 15 maio 2024.

PRADO, Marcela. **TMP**: Transgrupo Marcela Prado.

SANTOS, S. B.; VIEIRA, C. M. C.; CAVALCANTI, V. R. S. **A relevância social e política da história das mulheres no Brasil**. Cadernos CEDES, v. 44, n. 122, p. 6–16, jan. 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1590/CC271171. Acesso em: 01 maio 2024.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H.. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. 6 ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

TEIXEIRA, R. M.; BOMFIM, L. C. S. **Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos trabalho e família: estudo de casos múltiplos em agências de viagens**. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, v. 10, n. 1, p. 44–64, jan. 2016. Disponível em: https://doi.org/10.7784/rbtur.v10i1.855. Acesso em: 08 maio 2024.

TMP: transgrupo Marcela Prado. Curitiba: Coan, 2017. Ficha técnica. Esse material é uma publicação do Projeto: Expressão Trans, executado pelo TMP, por meio do convênio n. 814600/2014, firmado entre a instituição e o Ministério da Saúde.